

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA**

**RICARDO AGUIAR RODRIGUES**

**FESTA DE SANTA LUZIA EM PRESIDENTE VARGAS – MA, ENTRE OS ANOS**  
**1900 – 2017.**

São Luís

2018

**RICARDO AGUIAR RODRIGUES**

**FESTA DE SANTA LUZIA EM PRESIDENTE VARGAS – MA, ENTRE OS ANOS  
1900 – 2017.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória Guimarães Correia.

São Luís

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues, Ricardo Aguiar.

Festa de Santa Luzia em Presidente Vargas - MA, entre os anos 1900 - 2017 / Ricardo Aguiar Rodrigues. - 2018.  
65 f.

Orientador (a): Maria da Glória Guimarães Correia.  
Monografia (Graduação) - Curso de História,  
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2018.

1. Catolicismo popular. 2. Festa. 3. Igreja Católica. I. Correia, Maria da Glória Guimarães. II. Título.

**RICARDO AGUIAR RODRIGUES**

**FESTA DE SANTA LUZIA EM PRESIDENTE VARGAS – MA, ENTRE OS ANOS  
1900 – 2017.**

Monografia apresentada como requisito para a  
conclusão do curso de História Licenciatura da  
Universidade Federal do Maranhão.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Glória Guimarães Correia (**Orientadora**)  
(Departamento de História/UFMA)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Luiz Alberto Alves Couceiro  
(Departamento de Sociologia e Antropologia/UFMA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fernanda Rodrigues Galve  
(Departamento de História/UFMA)

Dedico a minha mãe, Maria Odete  
Frazão Aguiar Rodrigues.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pelo dom da vida, por sua iluminação e proteção. Aos meus pais, José Sousa Rodrigues e Maria Odete Frazão Aguiar Rodrigues, por terem me ensinado os princípios éticos que norteiam o meu caráter, de forma especial a minha mãe, exemplo de mulher virtuosa, a quem devo todo o incentivo para ingressar na missão de educador, tendo em vista ser essa a sua profissão. A minha avó Maria da Conceição Frazão Aguiar (In memoriam), que me presenteou com narrativas fantásticas, inclusive sempre falava que nossa família era descendente de Pedro Daréu. Aos meus irmãos, Lucas Aguiar, Ronald José Aguiar, Rodrigo Aguiar, José Reinaldo Aguiar, e Rodolfo Aguiar, pelo companheirismo e apoio nos momentos que precisei.

Agradeço aos meus amigos da turma 2014.1 do curso de História/UFMA, por terem compartilhado comigo momentos inenarráveis, de modo especial, a Raquel Silva e a José de Ribamar S. G. Júnior, por me ajudarem a enfrentar os desafios no decorrer da graduação, sendo que José de Ribamar nunca mediu esforços para atender as minhas solicitações. Agradeço aos colaboradores dessa pesquisa, a saber: Maria do Amparo, Cristiane Santos, João Paulo, Maria Correa, Tereza Gomes, Adélia Frazão, Sebastião de Sousa, e Miguel Arcanjo, pois a vivência de cada um foi indispensável para o desenvolvimento deste trabalho, sem os testemunhos dessas pessoas não seria possível a realização do mesmo, tal como se apresenta.

Agradeço a Maria Elisa, secretária da paróquia de Santa Luzia/Presidente Vargas, assim como ao pároco Raimundo Pereira (padre Cordeiro), que possibilitaram o meu acesso ao arquivo paroquial, estando os mesmos sempre à disposição. A Dom Sebastião, bispo da diocese de Coroatá, e a sua secretária Janaina, que me deu todo suporte no arquivo da referida diocese. Aos padres da paróquia de São Sebastião/Vargem Grande, pela disponibilidade do arquivo existente naquela paróquia. Ao padre Francisco Rodrigues (padre Frank), ex-pároco da paróquia Santa Luzia/Presidente Vargas, que mesmo distante continuou me incentivando pela busca do conhecimento. As freiras, Maria Stella, Delci Lucia, e Maria José, da congregação Irmãs da Divina Providência, que sempre me disseram palavras de incentivo aos estudos.

Agradeço a Prof<sup>ª</sup>. Fernanda Galve e ao Prof. Luiz Alberto, que tanto contribuíram para a construção do presente estudo. A Prof<sup>ª</sup>. Maria da Glória Guimarães, minha orientadora, que na pureza de seus ensinamentos lapidou este trabalho, a quem nutro uma profunda

admiração. Por fim, agradeço a todos que não foram mencionados aqui, mas que de todo modo, fizeram parte de minha trajetória acadêmica no curso de História/UFMA.

*Deus criou a humanidade porque gosta de histórias.*

*Elie Wiesel*

## RESUMO

O presente estudo propõe uma análise das narrativas e representações acerca da festa de Santa Luzia no município de Presidente Vargas – MA, a partir dos testemunhos de sujeitos/pessoas católicos e protestante, sendo que a memória é ritmada por acontecimentos históricos e sociais, tornando-se imprescindível o uso da noção de memória coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs. Dessa forma, procuramos utilizar a oralidade como forma de construção do saber, empreendendo inicialmente sobre o tempo presente da festa, uma vez que propomos um olhar a partir de dimensões recentes, aplicando assim o pressuposto de Marc Bloch, na qual a compreensão do passado depende necessariamente do entendimento do presente, de modo que a ignorância do passado resulta na incompreensão do presente. Contudo, nossa proposta é enfatizar as permanências e transformações na realização deste evento religioso, com traços que caracterizam a passagem do predomínio de um catolicismo popular para outro de viés mais institucional da Igreja Católica.

**Palavras-chave:** Festa, Catolicismo popular, Igreja Católica.

## **ABSTRACT**

The present study proposes an analysis of the narratives and representations about the feast of Santa Luzia in the municipality of Presidente Vargas - MA, from the testimonies of Catholic and Protestant subjects / persons, and the memory is rhythmic by historical and social events, it is imperative to use the notion of collective memory developed by Maurice Halbwachs. In this way, we try to use orality as a form of knowledge construction, initially undertaking on the present time of the party, since we propose a look from recent dimensions, thus applying the presupposition of Marc Bloch, in which the understanding of the past depends necessarily the understanding of the present, so that ignorance of the past results in misunderstanding of the present. However, our proposal is to emphasize the permanences and transformations in the realization of this religious event, with features that characterize the passage from the predominance of a popular Catholicism to another of more institutional bias of the Catholic Church.

**Key-words:** Feast, Popular Catholicism, Catholic Church.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01 – Quadro tradicional de Santa Luzia.....	21
Ilustração 02 – Imagem de Santa Luzia, na cidade de Santa Luzia do Paruá – MA.....	25
Ilustração 03 – Posição de Vargem Grande, no mapa do Maranhão da década de 1950.....	26
Ilustração 04 – Imagem do primeiro prefeito eleito de Presidente Vargas.....	27
Ilustração 05 – Igreja de Santa Luzia, década de 1960.....	28
Ilustração 06 – Imagem de Santa Luzia no andor.....	29
Ilustração 07 – Romaria do dia 04 de dezembro.....	30
Ilustração 08 – Praça da matriz de Santa Luzia.....	32
Ilustração 09 – Praça da mangueira, ao lado da praça da matriz.....	34
Ilustração 10 – Vista panorâmica da feira do dia 13 de dezembro.....	35
Ilustração 11 – Missa solene de Santa Luzia as 09h00min da manhã.....	36
Ilustração 12 – Programação da festa de Santa Luzia, ano 1996.....	52
Ilustração 13 – Planta da fachada principal da nova igreja de Santa Luzia.....	56

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Batizados na capela de Santa Luzia.....	42
Quadro 02 – Despesas com a construção da igreja .....	55

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. FESTA, DEVOÇÃO E LUGAR.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1. Devoção a Santa Luzia: brevíssima história.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2. Emancipação de Santa Luzia do Daréu.....</b>	<b>23</b>
<b>3. TEMPO PRESENTE: UM OLHAR SOBRE A FESTA DE SANTA LUZIA.....</b>	<b>28</b>
<b>4. PASSAGEM DO CATOLICISMO POPULAR AO INSTITUCIONAL DA IGREJA.....</b>	<b>38</b>
<b>4.1. A chegada da congregação das Irmãs da Divina Providência.....</b>	<b>47</b>
<b>4.2. Criação da paróquia de Santa Luzia.....</b>	<b>50</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>63</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A capacidade de pensar, refletir e expressar ideias acerca do mundo ao seu redor faz com que o ser humano não só possa ter consciência e dimensão de sua própria existência, como também condições de questionar tudo aquilo que faz parte em seu cotidiano e marcam os dias excepcionais, por isso, o pensar e o sentir, as experiências do dia-a-dia e das que não se enquadram na reprodução da cotidianidade, vivenciados por homens e mulheres, constituem a matéria prima do historiador. Razão pela qual a história, enquanto campo de saber e, ferramenta de produção de conhecimento, de acordo com Marc Bloch, pode ser definida como “Ciência dos homens [...] no tempo”. Nesse sentido, o historiador não apenas pensa “humano” e a atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da “duração”,<sup>1</sup> configurando-se assim os pressupostos fundamentais a serem observados por aqueles que almejam contribuir para a produção do conhecimento histórico, o que é, por certo, a nossa intenção.

Em nosso empenho de efetivação dessa responsabilidade, de empreender a reconstituição e análise de experiências passadas, surgiu e amadureceu o interesse pela festa de Santa Luzia, despertado pelos longos anos de contato com essa festividade. Só que agora, em conformidade com a postura ideal que orienta o ofício de historiador, o dito festejo seria observado com uma preocupação de distanciamento no olhar, a fim de minimizar os efeitos do envolvimento pessoal, de fatores de ordem afetiva sobre a análise a ser empreendida, embora as indagações permanecessem as mesmas de antes da produção deste trabalho, procurando-se aqui respondê-las. Desse modo, o presente estudo, intitulado *Festa de Santa Luzia em Presidente Vargas – MA, entre os anos 1900 – 2017*, procurou enfatizar permanências e transformações na realização deste evento religioso, marcado - em consonância com a perspectiva que orientou a presente análise - por traços que caracterizam a passagem do predomínio de um catolicismo popular para outro de viés mais institucional da Igreja Católica, muito embora a festa continue a preservar-se como espaço de vivências sociais singulares e a deixar sua marca na identidade cultural e social do município.

Para tanto, com vistas à compreensão dessas vivências sociais, foi imprescindível operar com a noção de memória coletiva, tendo como base a perspectiva desenvolvida por Maurice Halbwachs, segundo quem “a memória não é uma evocação de lembranças, mas uma construção social ritmada por grandes pontos de referência históricos e sociais. A memória

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 55.

coletiva é, portanto, anterior à memória individual”.<sup>2</sup> De acordo com essa perspectiva, portanto, a memória coletiva apresenta-se como um importante instrumento de percepção das transformações empreendidas na realização da festividade.

Dessa forma, para o registro das experiências vivenciadas por sujeitos/pessoas pertencentes ao lugar, no contexto mais amplo do evento religioso estudado, utilizamos a história oral como fonte para a escrita da história, partindo “do princípio de que conhecer é uma maneira de levar ao saber” e tendo pensando “nos dois estágios de procedimento para transformar a história oral de conhecimento ou registro, em saber, ou seja, no relacionamento da experiência pessoal com o coletivo”.<sup>3</sup> Com base nesses pressupostos, realizamos “entrevistas”, a que preferimos chamar de conversas, com homens e mulheres que vivenciaram a produção e reprodução desse festejo ao longo de sua história pessoal, razão por que usamos também uma nomenclatura não usual, a de ‘colaboradores’, para identificar as pessoas cujos testemunhos foram fundamentais para a realização desse trabalho.

A seleção dos colaboradores se deu pela necessidade de perceber olhares distintos sobre a devoção/festa em louvor a Santa Luzia, daí serem eles sete católicos (as) e uma protestante, perfil religioso que obedeceu a um critério de proporcionalidade entre os membros dessas diferentes igrejas cristãs. Para tanto, foram tomados como referência dados do censo estatístico do IBGE, que apontam a religião/igreja a que pertencem os munícipes de Presidente Vargas. Ao todo foram oito conversas altamente produtivas, realizadas com cinco mulheres e três homens, numa proporção de gênero pautada na maior participação das mulheres nos templos e envolvimento com as atividades religiosas, cabendo, por fim, esclarecer que, por serem parte e testemunhas da história, a idade das colaboradoras e colaboradores variou entre 36 e 90 anos, ressaltando, contudo, que apenas dois colaboradores possuem idade inferior a 73 anos, e que as informações colhidas nessas duas conversas se reportam a uma memória mais recente, pois objetivavam a construção do capítulo que mostra como a festa se apresenta no tempo presente.

Após ter concluído a recolha de memória desses colaboradores, tendo em vista que a nossa pretensão era reconstituir e analisar experiências individuais, vivências de cada um, considerando a sua profunda relação com o coletivo -, e ter empreendido as reflexões possíveis sobre o vivenciado por eles na e em torno da festa – lembrando que, segundo Thompson, “as tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu

---

<sup>2</sup> LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas**: das origens a Max Weber. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 245.

<sup>3</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2013, p. 74.

repertório de anedotas e narrativas exemplares”<sup>4</sup>-, constatamos que cinco dos nossos colaboradores possuem o sobrenome Frazão, numa indicação da importância dessa família na história do município, pois sua presença na região e lugar que lhe deu origem remonta aos primórdios de seu povoamento, em conformidade com esses diferentes testemunhos.

Como já dito, a nossa principal fonte foram testemunhos da memória dos mencionados ‘colaboradores’, colhidos em conversas informais, ao longo das quais foram reconstituindo aspectos de uma história da qual, de algum modo, fazem parte, mas também fizemos uso de outras fontes, a exemplo de livros de batismos, correspondências entre autoridades da Igreja católica, e livro de atas da paróquia de Santa Luzia/Presidente Vargas, nos limites dos quais a devoção e festejo de Santa Luzia acontecem. Além dessas, também serviu de fonte uma série de reportagens da TV Mucambo, emissora que esteve no ar durante o período de 2011 a 2017 em Presidente Vargas, para perceber representações disseminadas através delas.

Assim, com base em concepções teóricas sobre os trabalhos da memória, na metodologia da história oral e nas informações colhidas nesses diferentes testemunhos documentais, desenvolvemos o presente estudo, o qual, para melhor compreensão das questões nele levantadas, foi dividido em três capítulos: o primeiro, intitulado *Festa, devoção e lugar*, corresponde a uma discussão sobre o conceito de festa e a uma brevíssima história da devoção a Santa Luzia, assim como a emancipação de Santa Luzia do Daréu/Presidente Vargas, lugar onde acontece a festa de Santa Luzia. O segundo, intitulado *Tempo presente: um olhar sobre a festa de Santa Luzia*, entre os anos de 2010 a 2017, corresponde às últimas edições do festejo, análise que nos possibilitou observar as dimensões atuais da festa, de modo que pudemos destacar a ampla participação das comunidades rurais do município, bem como a presença de romeiros de outras cidades - como é o caso de Nina Rodrigues, Itapecuru Mirim, Vargem Grande, Rosário e São Luís - nesse importante espaço de sociabilidade religiosa. O último capítulo, intitulado *Passagem do catolicismo popular ao institucional da Igreja*, de 1900 a 2000, aborda as transformações e continuidades da festividade, destacando para tanto a chegada das irmãs da Divina Providência ao município, em 1988, e no ano seguinte, a elevação da comunidade cristã de Santa Luzia à categoria de paróquia.

## **2. FESTA, DEVOÇÃO E LUGAR.**

---

<sup>4</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 18.

Quando pensamos na palavra festa, imediatamente nos vem à mente um amplo leque de informações, cuja percepção as encaixa, basicamente, em dois conjuntos de variáveis: o que reúne as de caráter profano e aquele que abarca as reunidas sob a chancela do sagrado. Aqui nos interessa o universo da sacralidade, embora sabendo que a linha divisória entre esses “dois lados da moeda” seja como as linhas escritas por Deus, retratadas no provérbio popular que diz “Deus escreve certo por linhas tortas”. Isso quer dizer que acreditamos na existência de uma cumplicidade ou mesmo de uma impossível dissociabilidade entre o profano e o sagrado. Assim, definir os limites dessa simbiose não nos cabe, embora compreendamos as vantagens da percepção das recíprocas influências entre essas duas dimensões da vida e ela permite uma análise mais profunda dos vínculos sociais.

Feitas essas considerações, cabe então perguntar: afinal, o que é uma festa? De acordo com o sociólogo Jean Duvignaud, “a festa é um período peculiar, apesar de inteiramente integrado à sociedade, período no qual a vida coletiva é extremamente intensa. Os fenômenos relativos ao sagrado e a religião correspondem a momentos de efervescência e de unanimidade”<sup>5</sup>. Com base, portanto, na concepção desse estudioso, a festa constitui um período peculiar, com uma vida coletiva intensa, marcada pela efervescência, notadamente quando se trata de festas religiosas, pois se destacam pela unanimidade que reina nesses contextos festivos.

Nesse sentido, a festa faz transbordar uma vida coletiva, que se aflora rompendo a cortina da individualidade cada vez mais presente no dia-a-dia das sociedades ditas modernas, configurando-se, além disso, como uma quebra da rotina diária. Possuidora de um tempo próprio, característico de uma época específica, a festa se reproduz com base na fixação de um tempo específico, não podendo ser transportada de um período para outro, pois isso implicaria no risco de perder a sua marca registrada, o “costume”, entendido como algo que é próprio de direito do povo. Conclusão a que chega Thompson ao falar da rebeldia da cultura popular, pois, segundo ele, “a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. Esses pertencem ao povo, e alguns deles se baseiam realmente em reivindicações muito recentes”<sup>6</sup>. Para Durkheim,

a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa, [...], apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de

<sup>5</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 71.

<sup>6</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19.

efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso.<sup>7</sup>

Durkheim observa que a festa possui a capacidade de aproximar as pessoas, mas que para acontecer essa aproximação deve ocorrer inicialmente o movimento das massas, ocasionando, por consequência, um estado de efervescência, como Jean Duvignaud também observou em seus estudos. Como percebemos, Durkheim é categórico em afirmar que uma cerimônia religiosa, com algum grau de prestígio, naturalmente, desencadeia a ideia de festa, sendo que toda festa apresenta elementos de uma cerimônia religiosa. Apesar da distância no tempo entre o desenvolvimento de suas concepções teóricas, tanto Durkheim quanto Jean Duvignaud procuraram sistematizar as características da festa, seja ela de natureza profana ou sagrada. No que diz respeito à sua demarcação temporal, conforme o livro de Êxodo, as principais festas religiosas foram estabelecidas por Deus aos hebreus e, por consequência, ao mundo judaico-cristão, nos seguintes termos:

três vezes no ano você fará uma romaria. A primeira será a festa dos Pães sem fermento, que será celebrada assim: durante sete dias, conforme lhe ordenei, você comerá pães sem fermento, no tempo marcado do mês de Abib, porque foi nesse mês que você saiu do Egito. Ninguém deve aparecer de mãos vazias diante de mim. A segunda romaria será na festa da Messe, a festa dos primeiros frutos de seus trabalhos de sementeira nos campos. E a terceira romaria na festa da Colheita, no fim do ano, quando você recolher o produto de seus trabalhos no campo.<sup>8</sup>

Vejam que as três festas demarcavam uma temporalidade na vida coletiva dos hebreus, quando deveria ser observada uma série de ritos na execução das mesmas. A primeira festa, a dos Pães sem fermento, também conhecida como Páscoa, que significa passagem, representava a saída dos hebreus do Egito, em direção à terra prometida. Sua comemoração relembra o povo de Israel da sua libertação dos anos de escravidão em terras estrangeiras. Depois da morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, passou a ser celebrada pelos cristãos, como morte e paixão de Cristo, visto simbolicamente como cordeiro imolado na cruz. As outras duas festejavam o início e o término da colheita, haja vista a cultura predominantemente agrícola da época em que esse calendário religioso foi concebido. Por outro lado, mesmo com a fixação de períodos e de datas, a festa não é imutável, passa por processos de transformações, de acordo com os acontecimentos de cada época, e o envolvimento do povo, guardião dos costumes. Cabe registrar que ‘romaria’ corresponde a um deslocamento de massas, que caminham rumo a uma vida coletiva intensa, e que a celebração que envolvia essas festas deveria se pautar por essa orientação:

<sup>7</sup> FERRETTI, Sergio Figueiredo. Festas e religiosidade popular no tambor de mina do Maranhão. In: **Ciências Humanas em Revista**. São Luís: Unicor, 2003, p. 32.

<sup>8</sup> Êxodo 23, 14-16. **Bíblia sagrada**. São Paulo: Paulus, 1990, p. 96.

celebre a festa das tendas durante sete dias, depois de ter recolhido o produto da sua colheita de cereais e de uva. Faça uma festa alegre com seu filho e sua filha, seu escravo e sua escrava, o levita e o imigrante, o órfão e a viúva que vivem em suas cidades. Durante sete dias você festejará em honra de Javé seu Deus, no lugar que Javé tiver escolhido, pois Javé seu Deus vai abençoá-lo em todas as suas colheitas e em todo trabalho de sua mão, para que você fique cheio de alegria.<sup>9</sup>

A festa configura-se, pois, como espaço de encontro, onde se espera que as diferenças existentes entre os estratos sociais desapareçam, ou seja, que em seu transcurso aconteça um desmonte da estrutura social, de forma que a ordem “natural” das coisas seja rompida por um curto período, o que não seria diferente com o povo hebreu, cujo Deus era símbolo de justiça. Sendo assim, obedecendo aos seus estatutos, a realização da festa devia constituir um momento alegre e de conagração de todos, inclusive os desvalidos da sociedade: o imigrante, a viúva, o órfão e os escravizados.

Diante disso, podemos dizer que o Deus dos hebreus verdadeiramente gostava muito de festa, festejando a memória e os acontecimentos marcantes da vida do seu povo, celebrando desde sua libertação do cativeiro até a alegria de colher os frutos da terra. Digamos que talvez por isso mesmo, o primeiro milagre de Jesus, filho primogênito de Deus, é realizado durante uma festa de casamento em Caná, na Galileia, onde aconteceu a transformação de água em vinho, principal bebida das festas hebreias. De acordo com as escrituras sagradas, nessa festa,

faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho!” Jesus respondeu: “Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou.” A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: “Façam o que ele mandar.” Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: “Encham de água esses potes.” Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: “Agora tirem e levem ao mestre-sala.” Então levaram ao mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha.<sup>10</sup>

Partindo desse ambiente de diversidade e liberdade, presentes no universo das festas hebreias, que se estende no tempo e é encontrado em outros contextos culturais muito distintos, desembarcamos no estado do Maranhão, onde, segundo Sergio Ferretti, “religião e festas constituem assunto essencial na vida do povo e a rotina diária é interrompida, muitas vezes, ao longo do ano, pela organização ou pela participação em diversas festas, assinalando a quebra periódica daquela rotina”<sup>11</sup>. Assim, diante desse emaranhado de relações existentes numa festa religiosa, como deve se portar, qual o papel do historiador? Martha Abreu responde, “o desafio do historiador da festa passa a ser a compreensão dos seus significados e

<sup>9</sup> Deuteronomio 16, 13-15. Ibid., p. 214.

<sup>10</sup> João 2, 3-9. Ibid., p. 1355.

<sup>11</sup> FERRETTI, Sergio Figueiredo. Festas e religiosidade popular no tambor de mina do Maranhão. In: **Ciências Humanas em Revista**. São Luís: Unicor, 2003, p. 32.

mudanças, em sua dinâmica relação com a experiência dos homens e mulheres que tornaram as festas, em qualquer época e local, autênticas, populares e concorridas”<sup>12</sup>.

### **2.1. Devoção a Santa Luzia: brevíssima história.**

Acreditamos ser de grande relevância discorrer sobre a origem e originalidade da devoção a Santa Luzia, daí a necessidade de registrarmos a importância da Lenda dourada, enquanto referencial da hagiografia, nos marcos da qual se tem os primeiros registros sobre essa venerada santa. Trata-se a Lenda dourada de um livro, uma espécie de enciclopédia do final do tão século XIII, na qual o sacerdote Jacques de Voragine escreveu sobre a vida legendária de mais de 180 santos. Com base nesse escrito, Luzia, cujo nome significa *Lucis Via*, isto é “caminho da luz”, simbolizando “a luz espiritual que ilumina a alma de seus devotos”<sup>13</sup>, segundo a tradição católica, teria nascido em Siracusa, na Itália, por volta do ano 283 d.C., filha única, de família abastada e de uma beleza singular.

Desde muito cedo, teria demonstrado uma simpatia, uma inclinação para se aproximar de uma nova religião que surgia, o cristianismo, e que aos poucos se espalhava pelo Império Romano e ia de encontro às concepções religiosas consagradas. Para tanto, ela contrariava as leis imperiais que proibiam o culto ao Deus único, dedicando-se à devoção fervorosa a Santa Águeda, a quem rogou pela saúde de sua mãe, que sofria de uma doença sem cura. Desse modo, a circunstância do estado de enfermidade da sua mãe, somada ao fato do seu pai já ter falecido, e seguindo o curso natural das coisas à época, foi prometida em casamento. Porém, havia tomado uma decisão radical em sua vida, converter-se ao cristianismo, abandonando definitivamente as práticas pagãs, e como sinal de sua entrega total à sua nova crença, despojou-se dos seus bens, distribuindo-os entre pobres e desvalidos.

O pretendente de Luzia, como era o esperado, não aceitou a sua determinação de não contrair matrimônio, denunciando às autoridades locais a fé cristã professada por ela, razão pela qual foi presa e julgada por Pascácio, prefeito de Siracusa, que a condenou à morte por desobedecer as leis imperiais. A execução da pena ocorreu no dia 13 de dezembro de 303 d.C., portanto, durante o governo de Diocleciano, imperador que antecedeu Constantino, a quem se deve a liberdade de crença nos limites do dito Império. Assim, a despeito das diferentes versões acerca da sua morte, Santa Luzia, protetora das doenças dos olhos, é

---

<sup>12</sup> ABREU, Martha Campos. “**O Império do Divino**”: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Campinas, SP, 1996, p. 14.

<sup>13</sup> MEGALE. Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos**: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 158.

reconhecida pela Igreja Católica Apostólica Romana como virgem e mártir, celebrando-se sua festa no dia do seu falecimento.

Em face do exposto, em detrimento da ruptura verificada entre eles, o período em que Luzia viveu era de constante tensão para os cristãos e judeus, pois tanto os seguidores de uma como de outra religião se negavam a cultuar deuses, que consideravam pagãos, negando-se também a reconhecer a divindade do imperador de Roma. Esse impasse tornou o cristianismo em uma religião ilícita e duramente perseguida pelo Império Romano, em cujos limites se verificava o confisco de bens, o exílio, a prisão, torturas e a condenação à morte de seus líderes e adeptos. Tal perseguição só começou a ser minimizada depois da publicação do Edito de Milão, em 313 d.C., pelo imperador Constantino, recém convertido ao cristianismo. Por meio desse edito, o dito imperador dava a liberdade de culto religioso no Império, por atribuir sua vitória na batalha da ponte Mílvia, pelo trono do Império, a um sinal divino, pois,

pouco antes de entrar em combate contra Maxêncio, o imperador “rezava e fazia frequentes súplicas”, segundo o seu amigo e biógrafo Eusébio de Cesareia, quando surgiu um sinal divino no céu: as iniciais da palavra Cristo em grego (XP), acompanhada da inscrição *in hoc signus vinces* (com esse sinal vencerás). Constantino teria mandado pintar o sinal nos escudos dos soldados, vencendo, assim, a batalha.<sup>14</sup>

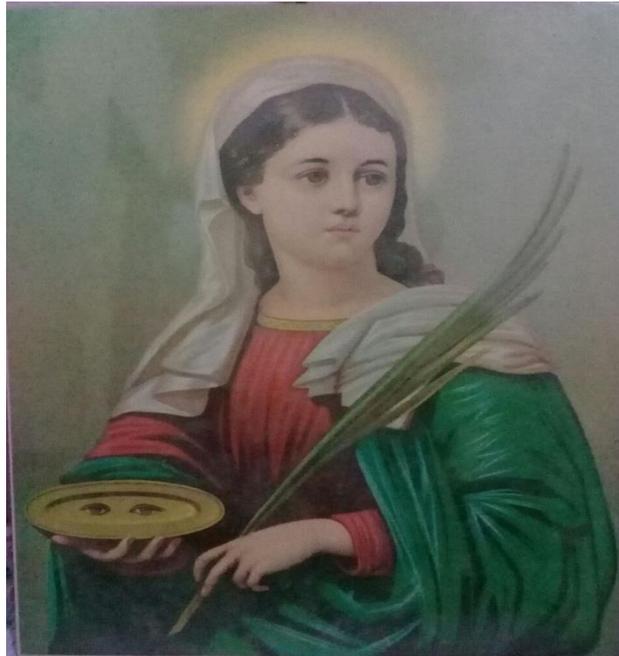
A partir de então, temos uma maior invocação a Santa Luzia, ocorrendo, preferencialmente, para a cura de doenças na visão, pois, de acordo com a tradição, ela teria arrancado os seus olhos e ofertado a seu pretendente, que era fascinado pelo seu brilho, fazendo-o num testemunho de sua radical recusa ao casamento pretendido por ele, ao mesmo tempo em que afirmava sua decisão de seguir e se manter fiel ao cristianismo.

Contudo, às concepções que imperavam sobre as cores no mundo ocidental e de matriz judaico-cristão, no século XIII, num empenho de sistematização de seus ritos e de disseminação de seus dogmas e princípio, a Igreja cristã estabeleceu aquelas que deveriam ser usadas em suas liturgias, a saber, branco, verde, roxo, preto e vermelho. Assim, em observância a essa determinação, por ocasião do ciclo festivo organizado em louvor a Santa Luzia, passou-se a fazer uso dessa última cor, daí a decoração das igrejas em que a dita santa é festejada ser marcada por tons vermelhos, “simbolizando o sangue derramado”. Fato que também se o explica por ser o vermelho a cor indicada “para as festas dos apóstolos e mártires e também para a festa de Pentecostes, do preciosíssimo Sangue e da Cruz”<sup>15</sup>. Por outro lado, o

<sup>14</sup> CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV. In: Revista de história da arte e arqueologia, jan – jun de 2009, p. 30. Disponível em: [www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf](http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf). Acesso em: 23 de janeiro de 2018.

<sup>15</sup> WIJTEN, Hilário. **Meu livro de liturgia**. Petrópolis: Vozes Limitada, 1955, p. 28.

uso da cor vermelha no período do advento representa uma exceção na liturgia católica, pois esse período é também aquele em que a igreja deve estar toda revestida de roxo, em sinal de preparação para o nascimento de Jesus. Além dessa cor, o branco também pode ser usado em seu festejo, uma vez que seu uso é permitido “nas festas de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, dos confessores e das virgens”, como é o caso de Santa Luzia, tendo em vista que simboliza “a pureza e a inocência”<sup>16</sup>.



Quadro tradicional de Santa Luzia.

Ilustração 1 <sup>17</sup>

Como é possível perceber por meio da amplamente conhecida representação de Santa Luzia, três das cinco cores litúrgicas estão presentes em sua indumentária, pois além do vermelho e do branco, tem ainda o verde, que na representação da santa significa a esperança que sua interseção traz para seus devotos. Lembrando que outras alegorias também a caracterizam, como é o caso da palma e da bandeja que ela porta em suas mãos, a primeira simbolizando o seu martírio e a segunda constituindo um símbolo que a identifica como santa protetora da visão. Razão porque os devotos costumam passar os dedos sobre os olhos contidos na bandeja, para, em seguida passá-los sobre os seus, num gesto que pode significar tanto uma medida de proteção contra futuros males, quanto uma busca de cura daqueles que lhes acometem. Por outro lado, cabe lembrar que à época que sua representação foi concebida, as imagens representavam um importante recurso de disseminação de ideias e propósitos para a Igreja, isso porque sendo um objeto de contemplação, podiam cumprir a tripla função, registrada no Dicionário Catholicon, organizado por Giovanni de Gênova, no qual adverte:

<sup>16</sup> Ibid., p. 28.

<sup>17</sup> Fonte: Maria Elisa Oliveira Silva.

sabeis que três razões têm presidido a instituição de imagens nas igrejas. *Em primeiro lugar*, para a instrução das pessoas simples, pois são instruídas por elas como pelos livros. *Em segundo lugar*, para que o ministério da encarnação e os exemplos dos santos pudessem melhor agir em nossa memória, estando expostos diariamente aos nossos olhos. *Em terceiro lugar*, para suscitar sentimentos de devoção, que são mais eficazmente despertados por meio de coisas vistas que de coisas ouvidas.<sup>18</sup>

Santa em torno da qual se tem uma grande devoção no Brasil, que assim como o verificado com outros santos da Igreja Católica, atravessou o mar para o Novo Mundo, para onde seu culto “foi trazido pelos missionários que aqui aportaram e teve larga difusão em nosso país, principalmente no interior e nas zonas de praia”,<sup>19</sup> daí porque no dia em que é festejada “não se pesca e nem se caça”,<sup>20</sup> ocorrendo, portanto, nesse dia uma pausa no trabalho, uma alteração na rotina de seus devotos, particularmente naquelas localidades onde Santa Luzia é festejada. Tornou-se muito popular no nordeste, sendo comum encontrar a sua imagem, representada em quadro, em lares católicos dessa região. Por outro lado, o cenário nordestino realçou sua devoção, imprimindo-lhe aspectos peculiares, tanto assim que o próprio Euclides da Cunha cuidou de registrar rituais envolvendo a sua crença e a observação da natureza, nesse mundo marcado pela aridez e ameaça de secas, ao dizer que o sertanejo

espera, resignado, o dia 13 daquele mês. Por que em tal data, usança avoenga lhe faculta sondar o futuro, interrogando a Providência. É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo<sup>21</sup>.

Como é de amplo conhecimento, a inclemência das secas é um dado que caracteriza a maior parte dos estados do nordeste, tornando a falta de água um problema histórico, em detrimento da grandiosidade do rio São Francisco, que atravessa grande parte da referida região. Assim, diante desse flagelo, as populações locais acabaram recorrendo aos seus intercessores sagrados, no intuito de obter a graça divina de envio do líquido indispensável à manutenção da própria vida. Por isso, tendo em vista essa ameaça, buscavam prever o volume de água do inverno que viria, por meio da experiência das pedras de sal, feita na véspera do dia consagrado à santa. Para tanto, rogavam a intercessão de Luzia, o que

<sup>18</sup> BAXANDALL, Michel. **O olhar renascente**: pintura e experiência social na Itália da renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 49.

<sup>19</sup> MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos**: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 156.

<sup>20</sup> Ibid., p. 156.

<sup>21</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 74.

posteriormente também era feito a São José, quando as chuvas não vinham, para garantir também a permanência daqueles homens e mulheres em seu lugar de origem, ameaçados pela seca.

## **2.2. Emancipação de Santa Luzia do Daréu.**

Para melhor avaliarmos a importância da festa de Santa Luzia em Presidente Vargas, faz-se necessário conhecermos o lugar em que ela acontece, o que não só pressupõe o conhecimento da história de emancipação do povoado Santa Luzia do Daréu, como também ter conhecimento de aspectos naturais, geográficos, que o caracterizam. Para tanto, primeiramente, destacamos que o Maranhão pertence à região nordeste, situando-se, todavia, em uma área de transição marcada pela presença de vegetação característica de espaços físicos bem diversos, como é o caso das plantas que são típicas do cerrado e as matas de cocais existentes em seus limites. É o dito estado composto por 217 municípios, entre os quais se encontra Presidente Vargas, o qual está localizado na microrregião de Itapecuru-Mirim, norte do estado, distante 155 km de sua capital, São Luís. Conforme o censo de 2010, realizado pelo IBGE, possui uma população de 10.717<sup>22</sup> habitantes, em quase sua totalidade respondeu ser católica, tendo em vista que 9.665 munícipes declararam professar o catolicismo.

Ressaltamos, contudo, que esse número é resultado da somatória de íeis de igrejas distintas, pois o levantamento do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aponta duas nomenclaturas para os ditos católicos: católicos apostólicos romanos, representando 8.415 pessoas, e os católicos apostólicos brasileiros num total de 1.250. Considerando, porém, não haver templos e ministros da Igreja Católica Brasileira neste município, é possível pensar que a declaração de pertencimento a ela aponta para a existência de católicos apostólicos romanos que desconhecem o nome da Igreja à qual, em princípio, pertencem, o que não significa afirmar categoricamente a inexistência de membros da Igreja Brasileira em Presidente Vargas. De todo modo, ambas são Igrejas católicas, mas com características institucionais diferentes.

Feitos esses esclarecimentos sobre os seguidores da Igreja católica, cabe agora falar da emancipação do povoado que deu origem à cidade, para entendermos a relação entre a história do município e a devoção a Santa Luzia. Nesse sentido, cabe informar que sua

---

<sup>22</sup> Censo demográfico do IBGE, 2010. Disponível em: [cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210930](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210930). Acesso em: 05/02/2017.

criação se deveu à aprovação da Lei Nº 2.376, de 09 de junho de 1964, publicada no Diário Oficial do estado do Maranhão, que circulou no dia 15 de junho do mesmo ano, em cujo artigo primeiro, lia-se:

fica criado o Município de “Presidente Vargas” cujo território será desmembrado unicamente do município de Vargem Grande, Art. 2º O município ora criado terá a categoria de Termo Judiciário, pertencente à Comarca de Vargem Grande. Art. 3º A sede do Município será o atual povoado “Santa Luzia do Dareo” o qual será elevado a categoria de cidade, com a denominação de Presidente Vargas.<sup>23</sup>

No entanto, a instalação do município só ocorreu de fato no dia 13 de fevereiro do ano seguinte, quando foi nomeado um prefeito interino, no caso, o senhor José do Lago Lima. A celebração do aniversário da cidade acontece nesse dia, comemorando-se, assim, a data de instalação do governo municipal e não a de aprovação da lei que criava o município. Por outro lado, o dia 13 demarca suas duas mais importantes festividades: o aniversário da cidade e a celebração da padroeira, embora, de acordo com Horácio Gonçalves, até 1981 existissem nele

três dias feriados, a saber: dia 13 de Fevereiro, dia instalação do Termo Municipal, dia 10 de Novembro, falecimento de Wladimir Barbosa Uchôa, o vereador que projetou a nossa emancipação na Camara de Vargem Grande e nosso primeiro Prefeito Constitucional. Dia 13 de Dezembro, dia consagrado a nossa padroeira Santa Luzia<sup>24</sup>.

De acordo com a Lei de criação do município, o povoado que lhe deu origem chamava-se Santa Luzia do Daréu, verificando-se a mudança de seu nome quando da elaboração do projeto político de sua emancipação do município de Vargem Grande e sua elevação à categoria de cidade. Apesar dos anos passados, resolveu-se homenagear o ex-presidente da república Getúlio Dornelles Vargas, dando seu nome ao novo município, num significativo testemunhando da importância dos períodos que governou o país, o qual ficou conhecido como a Era Vargas, marcada, dentre outras, pela publicação de leis trabalhistas, sendo que de 1937 a 1945 governou sob o regime de ditadura. Tendo voltado à cadeira presidencial em 1950, e sem conseguir contornar uma crise política que enfrentava em seu novo governo, tirou a própria vida no ano de 1954, com um tiro no peito. Assim, em 1964, 10 anos depois da sua morte, recebe essa homenagem no interior do Maranhão, cabendo observar que o município maranhense soma-se a outras duas cidades que homenageiam Getúlio Vargas, a saber: Presidente Getúlio, no estado de Santa Catarina, e Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul. Por fim, dentre os gentílicos possíveis a serem usados, convencionou-se chamar os nascidos no município maranhense de presvarguenses.

---

<sup>23</sup> Lei de criação do município de Presidente Vargas – MA. Acesso em: 11/06/2015. Disponível em: <http://presidentevargas.ma.gov.br/cms/print.php?cat=paginas&id=136>.

<sup>24</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **História e vida de Presidente Vargas**. Presidente Vargas, MA, 1981, p. 5.

Isto posto deve, contudo, ser observado que a escolha do nome do ex-presidente para nomear o novo município parece não ter resultado apenas do desejo de homenagear esse importante personagem da história brasileira, cabendo então perguntar o que teria então acontecido para que o nome do povoado não fosse preservado como nome da cidade. Contudo, se essa mudança de nome não tivesse acontecido, a cidade de Santa Luzia do Daréu seria hoje, a décima no Brasil a homenagear a santa, portanto, apenas uma a mais a homenageá-la num cenário político-devocional já consolidado, lembrando que seis das nove cidades existentes estão localizadas na região nordeste, duas das quais no próprio estado do Maranhão, Santa Luzia e Santa Luzia do Paruá.



Imagem de Santa Luzia, na cidade de Santa Luzia do Paruá – MA.

Ilustração 2 <sup>25</sup>

Como já dito, o povoado Santa Luzia do Daréu pertencia ao município de Vargem Grande, o qual recobria uma vasta extensão territorial, embora, em 1961, tenha perdido uma parcela desse território, com a emancipação do antigo povoado Vila da Manga, o qual se tornou sede do município Nina Rodrigues. Diante disso, embora a ideia da emancipação de Santa Luzia do Daréu tivesse surgido durante as discussões do desmembramento de Nina Rodrigues, a perda, em um curto espaço de tempo, de mais uma parte de suas terras representaria um grande prejuízo, pois seria desmembrado unicamente de Vargem Grande. Assim, preocupado com o avanço do futuro município sobre o que viria a ser Presidente Vargas, o vereador Wladimir Barbosa Uchôa (Branco Uchôa), um dos representantes da povoação de Santa do Daréu na Câmara de Vereadores, elaborou o projeto para a criação de uma segunda cidade, estabelecendo os limites entre elas.

Da criação de Nina Rodrigues eles criaram Presidente Vargas, só que botaram o nome de Santa Luzia, mas na hora da votação na Assembleia Legislativa do estado eles não aprovaram o projeto. Um deputado que era amigo do pessoal disse “olha vocês mudam o nome pra Presidente Vargas que é tiro e queda, porque aqui todo

<sup>25</sup> Foto: Flora Dolores/O Estado. Acesso em: 08/02/2018. Disponível: em: <http://imirante.com/santa-luzia-do-parua/noticias/2014/12/14/centenas-de-pessoas-celebram-festejo-de-santa-luzia.shtml>.

mundo é adepto de Getúlio Vargas”, aí mudaram o nome. Ora, foi dito e feito, aprovaram o projeto, levaram pro governador, o governador vetou, vetou o projeto e aprovou Nina Rodrigues.<sup>26</sup>

O veto, por sua vez, está relacionado ao fato de não haver condições, naquele momento, para emancipar duas cidades de uma única vez, oriundas de um mesmo município, além de possuir uma rala população na futura sede municipal. Segundo Horácio Gonçalves, “em 1970, éramos 1.311 domicílios, com 6.272 habitantes; em 1980 éramos 1.796 domicílios, com 8.003 habitantes, sendo que na sede estavam 352 domicílios, com 1962 habitantes”<sup>27</sup>, o que demonstra que a população rural era expressivamente maior que a urbana, mesmo 16 anos após a fundação da cidade. Dado esse que, por sua vez, denota igualmente que, quando ocorreu o veto á emancipação de Santa Luzia do Daréu, o povoado que viria a ser sede do novo município contava apenas com uma pequena quantidade de pessoas, o que também foi percebido em nossa análise, em face da constatação de ser a devoção a Santa Luzia ser muito mais rural do que urbana.



Posição do município de Vargem Grande, no mapa do Maranhão da década de 1950. Ilustração 3<sup>28</sup>

De todo modo, em 1964, por iniciativa e reivindicação do então deputado Adaildo Silva Carneiro, José do Lago Lima (Zeca Félix), José Firmino Gomes prefeito de Vargem Grande, e do vereador Antonio Uchôa Frazão (Tunico Frazão), representante de Santa Luzia do

<sup>26</sup> Colaborador Sebastião de Sousa Frazão, 74 anos. Conversa realizada no dia 09 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>27</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **História e vida de Presidente Vargas**. Presidente Vargas, MA, 1981, p. 5.

<sup>28</sup> Fonte: Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, vol. XV, 1959.

Daréu, o governador Newton de Barros Bello retirou aquele veto, dando-se início aos procedimentos formais para a criação do novo município. Para tanto, um acordo tinha sido firmado entre os responsáveis pelo fim do veto, o qual previa que Zeca Félix, morador de Vargem Grande, seria nomeado o prefeito interino, o que de fato ocorreu, haja vista o registro da sessão em que se deu tal nomeação, a qual é encerrada nos seguintes termos: “nada mais havendo a tratar mandou o M.M. Dr. Juiz de Direito da Comarca que se lavrasse a presente Ata. Que depois de lida e achada conforme vai assinada por todos os presentes, inclusive pelo Sr. José do Lago Lima recém nomeado Prefeito Municipal de “Presidente Vargas””<sup>29</sup>. Notem que Branco Uchôa, idealizador do projeto, não participou do desfecho da emancipação e nem de sua instalação. Encontrava-se então residindo em São Mateus - MA, de onde só retornaria a Presidente Vargas em 1965, quando , tendo se candidatado a prefeito municipal, saiu vitorioso nas eleições, derrotando os outros candidatos, inclusive Tunico Frazão, fato que o tornou o primeiro prefeito eleito do município.

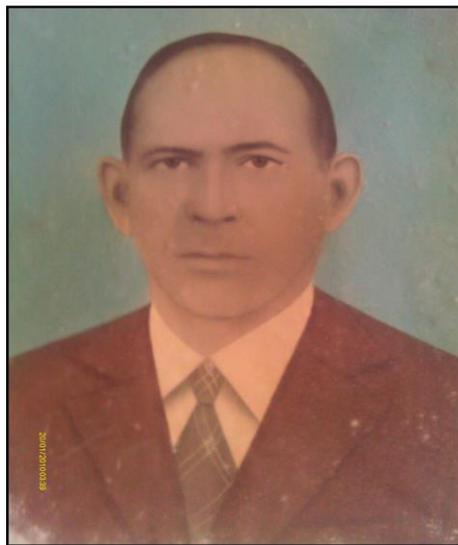


Imagem do primeiro prefeito eleito de Presidente Vargas. Ilustração 4 <sup>30</sup>

Dessa forma, a partir do dia 13 de fevereiro de 1965, o povoado de Santa Luzia do Daréu passou a corresponder à sede do município, categoria que desencadeou várias transformações para lhe dar ares de cidade, não ficando o campo religioso fora desse processo. Quanto a esse aspecto, embora a comunidade de Santa Luzia tenha permanecido integrada à paróquia de Vargem Grande, uma vez que as fronteiras político-administrativas não correspondem aos limites religiosos, o templo católico passou por mudanças, sendo erigida uma nova capela no lugar onde está a atual igreja de Santa Luzia. Para o colaborador

<sup>29</sup> Ata de instalação do município de Presidente Vargas – MA. Acesso em: 15/06/2015. Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Ata\\_de\\_Instalação\\_do\\_Município\\_de\\_Presidente\\_Vargas](http://pt.wikisource.org/wiki/Ata_de_Instalação_do_Município_de_Presidente_Vargas).

<sup>30</sup> Fonte: BEZERRA, José Amadeu Pereira. **Criação e formação política do município de Presidente Vargas Maranhão**. Presidente Vargas, MA, 2014.

João Paulo, o “véi Branco, primeiro prefeito que entrou aqui, ele inventou, agora nós vamos dismantelar essa capela, fazer uma capela bem pequena, mas nós faz de tijolo”.<sup>31</sup>



Igreja de Santa Luzia, após a emancipação política do povoado Santa Luzia do Daréu.

Ilustração 5<sup>32</sup>

### 3. TEMPO PRESENTE: UM OLHAR SOBRE A FESTA DE SANTA LUZIA.

A prática da escrita da história está diretamente relacionada com um lugar social, de onde emerge o objeto e, principalmente, a partir de onde é lançado o olhar do historiador sobre o objeto a ser analisado. Por outro lado, “se é verdade que a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isto ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção”<sup>33</sup>. Assim, partindo desse pressuposto de Michel de Certeau, para a construção do saber histórico, é imprescindível que quem se propõe a essa tarefa tenha clareza da compreensão de que “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”<sup>34</sup>, compreensão essa que procuramos ao longo da produção desse estudo.

Para seu desenvolvimento e uma melhor compreensão do tempo passado, primeiramente procuramos discorrer sobre a festa de Santa Luzia no presente, por acreditar na eficácia da abordagem do renomado historiador Marc Bloch, segundo quem, “em uma linha dada, o conhecimento do presente parece ser diretamente ainda mais importante para a

<sup>31</sup> Colaborador João Paulo Frazão, 85 anos. Conversa realizada no dia 08 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>32</sup> Fonte: Galeria do IBGE.

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 78.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 67.

compreensão do passado”<sup>35</sup>, do mesmo modo que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”<sup>36</sup>.

Nesse sentido, o olhar sobre a festa da padroeira da cidade não se restringe ao registro de como se apresenta nos dias atuais, mas se constitui como esforço de compreender as permanências e transformações em relação ao passado, na expectativa de localizar o divisor de águas entre as representações sobre os festejos de ontem e as festas de hoje. Paralelamente a isso, as inquietações do presente foram fundamentais para a escolha do recorte espacial, cabendo ainda registrar que o sentimento de responsabilidade social, que deve orientar todo historiador, também foi decisivo para a escolha do tema deste estudo, cujo autor utilizou-se da sua própria escrita para reconstituir e analisar a história de seu lugar de origem, reconhecendo nesse aspecto dados fundamentais em sua postura, a exemplo do distanciamento que procurou manter em relação às fontes e dados analisados.



Imagem de Santa Luzia no andor. Andor do ano de 2017. Ilustração 6 <sup>37</sup>

No que tange a festa de Santa Luzia, seu festejo propriamente dito tem início no dia 4 de dezembro, quando os fiéis em geral e seus devotos em particular saem da igreja matriz, levando a imagem da santa em procissão a um povoado próximo. Durante muitos anos, tradicionalmente, essa romaria se dirigiu para o povoado Vila Isabel, no entanto, como o

<sup>35</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 66.

<sup>36</sup> Ibid., p. 65.

<sup>37</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro).

Conselho Paroquial, por este ou aquele motivo, pode fazer alterações na organização da festa, a santa se dirige agora para outra comunidade. Diante disso, a movimentação da sede municipal é deslocada para a comunidade para onde a santa é levada e, por consequência, para onde vão os romeiros que a seguem. Assim, entre orações e cantos, a história da santa protetora da visão vai sendo contada, ao longo dos quilômetros percorridos por crianças, jovens, adultos e idosos, até que os romeiros chegam à entrada do povoado, lugar em que se dá o encontro das imagens de Santa Luzia e São Benedito, o qual é celebrado com a dança de uma toada de tambor de crioula.

Para além da singeleza desse encontro e da ideia que se possa ter de que é um traço dessa festa, o encontro dessas imagens é algo que faz parte de outros festejos religiosos, uma vez que em muitos deles o santo que acolhe sai de casa a fim de receber o seu visitante. Porém, quando temos conhecimento de que São Benedito não é o padroeiro do povoado, a percepção sobre a reprodução desse costume muda completamente. Nesse sentido, a presença de São Benedito, ali, representa bem mais do que uma recepção, mas um testemunho sobre um forte traço da influência dos negros na cultura popular circunscrita à festa, uma vez que o dito santo é um dos mais reverenciados santos populares, tal como se verifica nas rodas de tambor de crioula.



Romaria do dia 04 de dezembro.

Ilustração 7 <sup>38</sup>

Depois de seu encontro, as duas imagens continuam o percurso, uma do lado da outra, até a capela da comunidade, onde, após sua chegada, é celebrada a missa solene, depois da qual segue a programação do dia, com a celebração de batizados, realização de leilões e a apresentação de danças e outras manifestações da cultura popular. No entorno da capela se encontra uma diversidade de camelôs, barracas de comida e vendedores ambulantes, um

<sup>38</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro). Fotografia do dia 04 de dezembro de 2016.

pouco mais afastado, ficam os lugares onde são realizadas as festas dançantes, onde também se verifica a venda de bebidas alcoólicas.

Um ponto positivo e negativo é a questão das bebidas, mas não acontece perto da igreja, sempre é longe essas festas, mas o ponto positivo delas é que atrai muitas pessoas para a cidade, vem muita gente de fora, muita gente vai. Várias pessoas falam que não poderia acontecer essas festas, mas cria uma coisa cultural, porque se espera que no festejo tenha uma festa boa e grande, para o pessoal vim, outros discordam. No meu ponto de vista é positivo porque atrai outras pessoas para vim, tem muita gente que vem primeiro para a missa e depois vai se divertir.<sup>39</sup>

Se pegarmos uma moeda, notaremos que ela possui dois lados, assim também é a festa de Santa Luzia, com seu lado sagrado e seu lado profano. E embora os promotores das festas dançantes não sejam os organizadores do evento religioso, ambos dividem um espaço em comum. O devoto, por sua vez, mesmo cumprindo primeiro sua devoção com o sagrado, depois busca seu divertimento pessoal, o que pode representar uma permanência daquilo a que Johan Huizinga fala, ao se referir sobre a relação entre o sagrado e o profano na devoção popular, em fins do período medieval, pois então,

nas vigílias dos feriados religiosos, as pessoas dançam dentro da própria igreja ao som de canções libertinas; os padres dão o exemplo, passando essas noites de vigília em meio a jogos de dados e blasfêmias... O conselho de Estrasburgo servia anualmente 1 100 litros de vinho para aqueles que passavam a noite de São Adolfo na igreja “em vigília e em oração”.<sup>40</sup>

Além disso, sabemos que por ocasião das festas religiosas de maior importância, as cidades recebiam uma grande quantidade de pessoas que precisavam comer, beber e dormir, o que movimentava não só a economia local, como também dava ensejo ao desenvolvimento de uma ampla rede de sociabilidade, com seus encontros e desencontros, tensões e conflitos. Em meio à música, à dança e ao vinho, o sagrado e os santos eram e continuam sendo louvados, comportamento, todavia, que era reprovado, ao olhar dos católicos mais críticos, por acreditarem ser aquela uma série de indecências, que colocavam em dúvida o real motivo de seu estar naquele espaço, se era o profano ou o sagrado.

Antigamente, diz Chastellain, os notáveis costumavam carregar o corpo santo “em grandes e elevadas solenidade e reverência” [*en grande et haute solennité et révérence*], mas agora é “uma massa de malandros e de jovens arruaceiros” [*une multitude de respaille et de garçonnelmauvaise*]; eles carregam-no gritando e fazendo algazarra, cantando e dançando, gozando de tudo, e todos estão bêbados.<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Colaboradora Cristiane Santos Almeida, 36 anos. Conversa realizada no dia 15 de dezembro de 2016, na varanda de sua residência.

<sup>40</sup> HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 261.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 261.

No que concerne propriamente ao festejo de Santa Luzia, de acordo com o olhar mais tradicionalista de alguns, a solenidade e a reverência de outrora já não existem mais, o que dá lugar a uma espécie de lamentação pelo que representaria o fim de um tempo de ordem, substituído que foi pela desordem agora reinante. Concepção essa que promove o enquadramento das pessoas que fazem parte dos festejos e/ou estão presentes na festa, em dois grupos opostos: o dos devotos/religiosos e o dos mundanos/profanos. Os devotos seriam os verdadeiramente católicos, e os mundanos, aqueles católicos somente na aparência, algo sobre o que Huizinga fala ao tratar de vivências religiosas na Europa de finais da Idade Média, haja vista que a realidade por ele descrita em muito se assemelha ao observado na chegada da romaria no povoado Vila Isabel, pois muitos devotos sequer entram na capela, dirigindo-se imediatamente para os lugares onde são realizadas as festas dançantes, para o espaço dito profano.



Praça da matriz de Santa Luzia. Chegada da romaria e derrubada do mastro de Santo Antônio. No ano de 2016 e 2017 a romaria foi realizada para o povoado Boa Hora I.

Ilustração 8 <sup>42</sup>

Ao final da tarde, durante o retorno da imagem para a igreja matriz, aqueles mesmos que haviam passado todo o dia bebendo e dançando, e em completa harmonia com o profano, ajudam a carregar a imagem sagrada, em meio aos cantos e orações. Diante disso, poderíamos aqui erroneamente acreditar que essas pessoas de fato estariam ali somente pela parte profana, porém devemos lembrar que festas dançantes acontecem praticamente “todo dia”, então algo a mais lhes motiva a estarem presentes naquela ocasião. Costumeiramente, o dia 4 de dezembro amanhece um pouco mais cedo, às 5h30min, com o barulho dos foguetes e as canções tocadas na torre da matriz, o que é conhecido como alvorada festiva e anuncia o início de mais um festejo, além, é claro, de romper a calma do silêncio e acordar os católicos e

<sup>42</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro). Fotografia do dia 04 de dezembro de 2016.

não católicos. Esse primeiro dia termina na praça da matriz, após a derrubada do mastro de Santo Antônio, o co-padroeiro da cidade.

Durante os dias da novena que fazem parte do festejo, até certo ponto, observa-se no largo da matriz o mesmo que João Francisco Lisboa registrou da Festa de Nossa Senhora dos Remédios, do ano de 1851, segundo ele a festa mais popular da cidade de São Luís, a qual proporcionava a seus habitantes toda uma variedade de distrações. Assim, em detrimento da grande desigualdade verificada entre eles, no festejo da Virgem,

o povo, sem distinção de classe e condições, afluí logo ao anoitecer de todos os pontos da cidade, e ocupa promiscuamente o Largo dos Remédios, uns de pé, outros sentados em bancos e cadeiras, uns parados, outros passeando, aqueles fumando, estes devorando doces, estes outros simplesmente conversando, e alguns até engolfados em silenciosa e gozosa meditação. Cada um vestido segundo o seu capricho.<sup>43</sup>

No que toca à festa de Santa Luzia, é certo que uns vão primeiro na missa e depois para a praça, outros vão somente à missa e os demais só vão mesmo à praça, como é o caso dos protestantes. Assim “o festejo não atrapalha os nossos cultos, porque quando os católicos estão em reunião, nós estamos na nossa igreja com a rotina de sempre. Agora, diminuí, eu acho que sim, porque eles não vão para a igreja, para estar andando, comprando lanche, tem muitos que fazem isso”<sup>44</sup>, diz um deles. Por outro lado, mais do que um evento específico de uma igreja, para os cidadãos, mas não só, representa um espaço de sociabilidade, de convívio social entre amigos, casais e familiares, sem contar a oportunidade de fazer novas amizades e relacionamentos.

A gente ver que vem uma quantidade boa de pessoas, esse ano na procissão deu muita gente, assim nem todo mundo quando chega fica na missa, tem gente que vai fazer compras nas barracas que ainda estão funcionando, então tudo isso dar um ganho a igreja e para os feirantes. Outras pessoas vêm de fora, gente que a tempos não vinha na comunidade e estava esse ano, gente que vem para casa de parente, apesar desse ano o festejo caiu na semana foi uma terça-feira o dia 13, a gente sentiu falta de muitas pessoas, mas também muita gente veio, não foi como ano passado tão movimentado.<sup>45</sup>

O largo da igreja é um convite a céu aberto, com área para as crianças; cama elástica, balão pula-pula e escorregador inflável. Os jovens podem testar sua pontaria nas barracas de tiro ou tentar a sorte nos jogos de azar, depois é só saborear as delícias das barracas de lanches, onde se vende bolos, mingau, pipoca, caldos, torta salgada, salada de fruta, pudim, lasanha, cachorro quente e sorvete. Diante disso, é possível pensar a festa de

---

<sup>43</sup> LISBOA, João Francisco. **A festa de Nossa Senhora dos Remédios**. São Luís: Legenda, 1992, p. 29.

<sup>44</sup> Colaboradora Maria do Amparo Sousa Rodrigues, 46 anos. Membro da Igreja Mundial do Poder de Deus. Conversa realizada no dia 26 de dezembro de 2016, na sala de sua residência.

<sup>45</sup> Colaboradora Cristiane Santos Almeida, 36 anos. Conversa realizada no dia 15 de dezembro de 2016, na varanda de sua residência.

Santa Luzia como espaço de “prazer universal”, assim como João Lisboa caracterizou a festa dos Remédios ao dizer que “um dos maiores benefícios que dispensa a Virgem com a sua festa, e que escapou a Frei Doroteu no seu sermão, é este prazer universal”.<sup>46</sup> Prazer universal em tudo semelhante nos festejos de Santa Luzia, atentando-se para o dito de uma de suas participantes/testemunhas ao longo de anos, pois segundo ela,

bem movimentado nos primeiros dias, até que [...] quando está chegando já próximo do dia 13, vem as pessoas, começa mesmo aquela movimentação para o dia da festa, as ruas são bem movimentadas, o povo vem mesmo da sede e do interior, também as pessoas gostam e já virou uma tradição principalmente no dia 13, das pessoas estarem em peso na festa da padroeira. De outras cidades esse ano veio muita gente, de Vargem Grande, Nina Rodrigues e Itapecuru Mirim, então as pessoas vêm para essa festa, as vezes pagar promessa ou com outras pessoas, o movimento cresce em relação a isso. Tem gente daqui mesmo que coloca suas barracas, mas muita gente, 80% é de gente de fora que vem para o festejo, e é um dos pontos positivos, é a questão da feira porque movimentação muito a cidade e as pessoas gostam da feira, passam o dia todo andando nas barracas, comprando coisas, a feira é positivo do festejo, o pessoal espera muito que a feira venha.<sup>47</sup>

Nos dias finais do festejo, principalmente no dia 13, percebe-se uma grande movimentação de pessoas na pequena cidade de Presidente Vargas, quando, o entorno da praça da matriz, onde fica um miniparque para as crianças, mais exatamente a Avenida Pedro Daréu, principal via da cidade, é tomada por um mar de camelôs e feirantes oriundos de várias partes do Maranhão e também de outros estados, além das barracas de jogos de azar, de comidas e lanches, pois a festa de Santa Luzia atrai milhares deromeiros das cidades vizinhas, e de outras mais distantes como Rosário e São Luís.



Praça da mangueira, ao lado da praça da matriz de Santa Luzia. Miniparque para as crianças.

Ilustração 9 <sup>48</sup>

<sup>46</sup> LISBOA, João Francisco. **A festa de Nossa Senhora dos Remédios**. São Luís: Legenda, 1992, p. 61.

<sup>47</sup> Colaboradora Cristiane Santos Almeida, 36 anos. Conversa realizada no dia 15 de dezembro de 2016, na varanda de sua residência.

<sup>48</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro). Fotografia do dia 13 de dezembro de 2017.

Um dado interessante a observar é que a festa de Santa Luzia enseja um movimento de retorno às raízes religiosas e culturais, por parte de homens e mulheres de naturalidade presvarguense que residem em outras cidades do Maranhão ou de outros estados, que regressam para casas de parentes a fim de participar das festividades da padroeira e conseqüentemente rever seus amigos e familiares. Boa parte dos devotos, moradores das comunidades rurais de Presidente Vargas chegam no dia doze, e assim como os naturais da cidade que moram fora, hospedam-se em casa de parentes ou de amigos, havendo, contudo, entre esses alguns quem possuem casa na cidade. Essas pessoas representam a maior parcela de compradores da feira, pois muitas veem de lugares onde o comércio não oferece a variedade de produtos, menos ainda as novidades de produtos encontrados nessa grande feira.



Vista panorâmica da feira do dia 13 de dezembro. No ano de 2017, a feira ficou entre a praça da matriz e a avenida dos Gomes.

Ilustração 10 <sup>49</sup>

A feira é instalada na área de circunscrição do largo da festa de Santa Luzia, preservando sua característica de espaço comum, de livre circulação de pessoas, uma vez que as barracas são instaladas em vias públicas, portanto, de domínio da prefeitura municipal. Mesmo assim, isso não impede a cobrança de uma taxa para ocupar um espaço que é público, por parte da Igreja, a qual arrecadou, em 2016, o valor de R\$ 7.808,50<sup>50</sup>, cerca de 20% da receita total da festa do referido ano.

O evangélico participa da feira porque compra as coisas, então esse dinheiro que os feirantes ganham, eles pagam uma contribuição para a Igreja, mas não é todo que eles dão. Então a gente compra, não é pecado nós comprar na mão deles, nós passamos o dinheiro para eles, agora o que eles vão fazer com aquele dinheiro é que

<sup>49</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro). Fotografia do dia 13 de dezembro de 2017.

<sup>50</sup> Demonstrativo financeiro do festejo de Santa Luzia, 2016. Arquivo da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – Ma.

a gente não sabe, se vão colocar de dízimo na Igreja, ofertar numa igreja, o que eles vão fazer a gente não sabe, mas nós compra, principalmente roupas, vasilhas, coisas de casa.<sup>51</sup>

Em termos da programação, tradicionalmente, o dia 13, o ‘dia da festa’, começa com tambor de crioula na praça da matriz e termina com reggae e forró nas casas de shows. Enquanto festa religiosa, às nove horas da manhã é celebrada a missa solene, presidida pelo bispo da diocese de Coroatá Dom Sebastião Bandeira Coelho, à qual a paróquia do festejo pertence. Milhares de pessoas dividem o espaço da igreja, que fica pequeno para tantos devotos, daí porque muitos chegam cedo para garantir um assento.



Missa solene de Santa Luzia as 09h00min da manhã.

Ilustração 11 <sup>52</sup>

Tendo em vista a relação com o sagrado que caracteriza a religiosidade católica, em que se destacam os pedidos de graça pela intercessão dos santos, que são recompensados com atitudes e dádivas as mais diversas, o tempo da festa é também um de pagamento de promessas feitas à grande intercessora que é Santa Luzia. Assim, os romeiros aproveitam esse momento de forte expressão do sentimento para pagar suas promessas, onde muitos fazem o oferecimento de galos, capões, galinhas caipiras e outros animais à santa, prendas essas que além de zerar suas dívidas com a santa, também garantem o “leilão de Santa Luzia”, que é realizado após a missa.

<sup>51</sup> Colaboradora Maria do Amparo Sousa Rodrigues, 46 anos. Conversa realizada no dia 26 de dezembro de 2016, na sala de sua residência.

<sup>52</sup> Fonte: padre Raimundo Pereira da Silva (padre Cordeiro). Fotografia do dia 13 de dezembro de 2017.

Os pagadores de promessa e romeiros que costumam criar esses animais, a fim de oferecê-los a Santa Luzia, geralmente, são moradores de comunidades rurais, até mesmo de municípios vizinhos. E para se ter uma ideia do valor que adquirem essas prendas, basta dizer que o leilão do ano de 2016 rendeu R\$ 3.507,00, cerca de 9%<sup>53</sup> da receita total da festa, o que não deixa dúvidas quanto ao espaço e as relações de poder que o leilão constitui, evidenciados, por sua vez, na disputa travada principalmente entre homens, cujos lances para arrematar essas joias afaga seu ego e eleva seu prestígio social.

Por tudo isso, percebe-se a importância das comunidades rurais no contexto mais amplo da festa, pois além de seus moradores movimentarem a feira, é também esse pessoal que faz acontecer o leilão, com o oferecimento de joias para tanto. No que respeita à feira propriamente, “geralmente quem faz a festa é os visitantes, o pessoal do interior, né, aí vem uma numeração de gente”<sup>54</sup>, de acordo com o feirante Francisco Freitas, que é natural do estado do Piauí e que, assim como outros tantos, vem a Presidente Vargas por conta do festejo. Cabendo ainda observar que é entre esses homens e mulheres oriundos da zona rural, notadamente entre os mais idosos, que se encontram as mais fortes reminiscências do passado, não só no que diz respeito à festa, como no que se refere à própria história do município, pois, ainda hoje, quando se referem à sua sede, dizem Santa Luzia, cafofa ou rua, dificilmente mencionando o nome Presidente Vargas. Abaixo trecho do hino de Presidente Vargas:

Santa Luzia nome inaugural da vila  
fundada pelo coronel Pedro Daréu,  
e o povoado prosperando a cada dia,  
para honra destas plagas, elevou-se  
em cidade, bela Presidente Vargas (bis)....  
Brava gente, presvarguense, imponência  
de maranhense; Santa Luzia, padroeira,  
dai-nos graças a vida inteira.<sup>55</sup>

Diante de tudo isso e face do vigor da tradição devocional a Santa Luzia, não é difícil deduzir que constitua um traço da identidade cultural-religiosa dos presvarguenses, eternizada nos versos do hino municipal, embora o nome atual da cidade cause um certo estranhamento, pois quando da emancipação do povoado não se preservou seu nome original, Santa Luzia do Daréu.

Por certo, segundo Jacques Le Goff, “a história é busca, portanto escolha”<sup>56</sup>. Com base nisso, até aqui, procurou-se delinear um panorama de aspectos que chamam nossa

<sup>53</sup> Demonstrativo financeiro do festejo de Santa Luzia, 2016. Arquivo da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – Ma.

<sup>54</sup> Aumento nas vendas, reportagem TV Mucambo. Trecho transcrito 0:55 – 1:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XdhpBEtf2YE>. Acesso em: 28/11/2017.

<sup>55</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **Hino do município de Presidente Vargas**. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Hino\\_do\\_município\\_de\\_Presidente\\_Vargas](https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_município_de_Presidente_Vargas). Acesso em: 05/02/2017.

atenção no presente, mas como, “por outro lado, a imagem do passado mantém o seu valor primeiro de representar *aquilo que falta*”<sup>57</sup>, foi justamente por meio *daquilo que falta*, a partir de questões em torno desse mesmo presente que buscamos desfrutar dos benefícios que a história proporciona aos amantes do ofício. “Leibniz já colocava, entre os benefícios que esperava da história, “as origens das coisas presentes encontradas nas coisas passadas”; pois, acrescentava, “uma realidade nunca é compreendida melhor do que por suas causas”<sup>58</sup>.

#### 4. PASSAGEM DO CATOLICISMO POPULAR AO INSTITUCIONAL DA IGREJA.

O ser humano é fixado na ideia de “gênesis”, origem, início, onde/quando tudo começou, na certeza de poder conhecer a si próprio. Nesse sentido, a narrativa histórica da origem do povoado a partir do qual surgiu o município de Presidente Vargas possibilita igualmente conhecer a gestação da festa de Santa Luzia no dito município. Segundo o nosso colaborador, o senhor João Paulo, a sesmaria que posteriormente originou a povoação foi demarcada “na era de 1800, uma légua de três Marias data Santa Luzia”<sup>59</sup>, área onde Horácio Gonçalves ter “havido uma fazenda de Escravatura Agrícola Chamada Santa Luzia”<sup>60</sup>. Informações essas que, à despeito da divergência entre os dados fornecidos por elas, têm como traço comum a presença da santa, seja na sesmaria seja na fazenda, o que aponta para a devoção de seus proprietários.

Esta sesmaria estava dentro dos limites da freguesia de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru Mirim, criada pela provisão regia de 25 de setembro de 1801; posteriormente, passou a integrar a freguesia de São Sebastião da Vargem Grande, devido a sua criação em 08 de maio de 1835 pela lei provincial Nº 13,<sup>61</sup> espaço que, na década de 1870, tinha sua base econômica assentada sobretudo na agricultura, “na plantação de arroz, algodão e canna de assucar, e a sua maior industria na criação de gado vaccum,” nas proximidades dos rios Munim, Preto e Iguará, é para o que contava com cerca de 1.082 escravos trabalhavam em tais

---

<sup>56</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 24.

<sup>57</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982, p. 93.

<sup>58</sup> BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 62.

<sup>59</sup> Colaborador João Paulo Frazão, 85 anos. Conversa realizada no dia 08 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>60</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **História e vida de Presidente Vargas**. Presidente Vargas, MA, 1981, p. 3.

<sup>61</sup> Arquivo Público do Estado do Maranhão. Freguesias (1805 – 1897), Cx. 214, Nº 22.

atividades<sup>62</sup> conforme Cezar Marques. De acordo com um recenseamento feito em 1873, havia então em seus limites uma população de 5.679 habitantes.<sup>63</sup>

Devido à sua posição estratégica, tinha possibilidade de escoar sua produção por duas rotas, uma das quais pelo porto na vila da Manga, e a outra forma, que era a mais utilizada, sendo a estrada das boiadas, importante rota comercial da província. Por ela, por exemplo, seguiam as boiadas que partiam de Caxias e se encontravam com as da vila da Manga, no entorno da freguesia de Vargem Grande, de onde seguiam para Itapecuru Mirim com vistas a abastecer o mercado consumidor de São Luís, cidade em que, segundo Cezar Marques “em agosto de 1817 matavam-se por dia às vezes seis bois quando 40 não seriam bastantes”.<sup>64</sup>

Como bem o mostram vários estudos hoje desenvolvidos sobre a diversidade das regiões maranhenses, a exemplo do de Maria do Socorro Coelho Cabral, a colonização do sertão se deu com entrada do gado nessa região, onde adentrou tendo porta de entrada o rio Parnaíba, em inícios do século XVIII, embora a dita região já estivesse habitada por milhares de indígenas que, devido os constantes conflitos com os fazendeiros na zona litorânea, haviam buscado refúgio nos lugares mais distantes do litoral. Recuo que não impediu que, além da escravidão a que foram submetidos, muitos povos tenham sido completamente dizimadas para que a pecuária se consolidasse como base econômica desta vasta região, uma vez que se tratava de uma atividade que demandava poucas despesas, gerava bons lucros, o que explica que o extermínio dos índios fosse visto apenas como parte do processo de conquista.

Por sua vez, esse empreendimento interessava não somente aos donos de fazenda, mas todos que participavam da dinâmica pecuarista, pois a forma de pagamento pela lida com o gado era feito com base num sistema de partilha, que possibilitava o vaqueiro um dia se tornar fazendeiro, numa mobilidade social quase impossível nas zonas da *plantation*, ou seja, nas zonas de agricultura para exportação, onde predominava o trabalho de africanos e seus descendentes escravizados. Realidade que João Capistrano de Abreu reconstitui nos seguintes termos:

nos países próprios à criação, abertos e cheio de campinas [...], pouco se muda à superfície da terra; levantada uma casa coberta pela maior parte de palha, feitos uns currais e introduzidos os gados estão povoadas três léguas de terra; os mulatos, os mestiços e os pretos forros, tão avessos a todo trabalho, entregaram-se com gosto a este, na esperança de um dia virem a ser fazendeiros, e tal esperança facilmente pode realizar-se, porque os vaqueiros são pagos em gêneros, de quatro bezerros um, de

<sup>62</sup> MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão**. Maranhão: Typ. do Frias, 1870, p. 552.

<sup>63</sup> Arquivo Público do Estado do Maranhão. Paróquias (1795 – 1910), Cx. 210, N° 05.

<sup>64</sup> MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão**. Maranhão: Typ. do Frias, 1870, p. 222.

modo que em poucos anos têm semente com que começar vantajosamente a luta pela existência.<sup>65</sup>

Todavia, em 1950, a economia de Vargem Grande baseava-se sobretudo no extrativismo de amêndoas de babaçu, embora o município produzisse “com certo destaque, arroz, mandioca, milho e cana-de-açúcar, sendo o seu principal mercado comprador São Luís, Capital do Estado. Quanto à produção industrial, embora rotineira, merece citação a de cêra de carnaúba, vindo, depois, a de farinha de mandioca”.<sup>66</sup>

Esse breve panorama econômico nos permite situar as condições em que viviam os moradores da povoação quando se verificou o surgimento da festa de Santa Luzia. De acordo com o senhor João Paulo, inicialmente, “tinha um festejo de Santa Cruz, tinha um senhor de Catirino, ele fez uma cruz bem feitinha, levantou o festejo de Santa Cruz”<sup>67</sup>, para Horácio Gonçalves “em 1895(mil oitocentos e noventa e cinco), Catarino Oliveira iniciou uma festa religiosa em homenagem a Santa Luzia por ser o Santo do nome do lugar, Escolhendo o dia 13 de Dezembro por ser a ela consagrado”<sup>68</sup>, informações que têm em comum a semelhança do nome daquele que teria dado início à uma festa que marca a história do lugar, a saber, aquele homem de nome Catirino ou Catarino, pois muito provavelmente se trata da mesma pessoa.

Note-se que em 1895 já existia o povoado com o nome Santa Luzia, de modo que seria conveniente ter uma festa que homenageasse a santa que dava nome ao lugar, embora de acordo com o relato de nosso colaborador, o festejo tenha se iniciado em devoção a Santa Cruz. Somente depois, com o aumento do número de moradores, é que Pedro José Frazão, o coronel Pedro Daréu, comerciante e na condição de representante da povoação, teria feito uma arrecadação junto às pessoas da localidade e comprado uma imagem de Santa Luzia, ocorrendo, depois disso, a mudança do festejo de Santa Cruz para o de Santa Luzia.

Pedro Daréu era casado com Josefa Raimunda Frazão e morreu em 1944. Chegou ao povoado por volta de 1890, onde estabeleceu um pequeno comércio. Alcançando prosperidade, ganhou tanto prestígio que a povoação passou a ser conhecida como Santa Luzia do Daréu. Nesse sentido, na memória do colaborador Miguel Frazão,

---

<sup>65</sup> ABREU, João Capistrano de. **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Estudo publicado no “Jornal do Commercio”, 1899, p. 210. Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/capistrano\\_de\\_abreu\[1\].pdf](http://www.cdpb.org.br/capistrano_de_abreu[1].pdf). Acesso em: 20/01/2018.

<sup>66</sup> Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, vol. XV, 1959, p. 391.

<sup>67</sup> Colaborador João Paulo Frazão, 85 anos. Conversa realizada no dia 08 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>68</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **História e vida de Presidente Vargas**. Presidente Vargas, MA, 1981, p. 3.

Pedro Daréu era o chefe aqui de Presidente Vargas, nesse tempo eu era pequeno e a fonte era o olho d'água, ele passava e nós acompanhava ele pra banhar, ele tinha um comércio grande. Nós era garoto e ia tomar banho com ele no olho d'água, ele era baixinho, nós saía com ele, chegava lá, nós esfregava ele, tirava aquelas roturas nas costas, ele já estava de idade, nós tomava banho, tinha uns poções fundos.<sup>69</sup>

De acordo com os registros de memória do mesmo colaborador, esses banhos que tomava no olho d'água cumpriam um ritual sacramentado, pois, ao meio, dia Pedro Daréu, em seu decadente comércio, batia um sino, o que representava para o senhor Miguel um sinal, uma vez que, que ouvindo o eco das badaladas, saía ao seu encontro, embora tais batidas pudessem significar outra coisa, uma vez que “quando morria um, ele que dava a notícia, ele batia o sino”,<sup>70</sup> mas nesse horário só poderia ser mesmo o aviso de seu banho, não que quer dizer que pessoas não morressem nessa hora. Por outro lado, sendo uma fonte natural, o olho d'água era protegido por sua guardiã, a mãe d'água, embora, embora isso não representasse uma proibição ao seu uso, que era utilizado por toda comunidade em suas necessidades diárias, inclusive para lavar roupa.

Atualmente, a bica, como é conhecida, está localizada na Rua dos Gomes, onde, devido à passagem da água, se formou um brejo de plantas nativas, como a juçara e o buriti. Atualmente, não se encontra em um bom estado de conservação, em consequência do que, durante o período de estiagem agoniza, em vias de secar por completo, e deixou de ser a principal fonte de abastecimento d'água da cidade, tendo seus moradores procurado meios alternativos para o atendimento dessa necessidade básica. Na época da festa de Santa Luzia, os feirantes que faziam uso da bica, já não podem mais contar com essa dádiva da natureza, ficando à mercê da água fornecida pela CAEMA, que, por sua vez, há décadas mantém um abastecimento caótico, o que deu lugar à venda de água mineral, onerando a muitos e permitindo lucro a uns poucos.

De todo modo, em detrimento das duas versões sobre o início da festa de Santa Luzia, sabe-se que seu surgimento aconteceu em fins do século XIX, portanto, num período de notável carência de padres, considerando que em 1950, a paróquia de Vargem Grande compreendia uma grandeza territorial de 2.848,50 quilômetros quadrados, sendo sua população majoritariamente católica, residente na zona rural e vivendo em condições muito semelhantes àquelas descritas por João Capistrano de Abreu, segundo quem, pelos sertões,

muito tempo viveu esta gente entregue a si mesma, sem figura de ordem nem de organização. Como eram católicos e a Igreja obriga à frequência dos sacramentos,

<sup>69</sup> Colaborador Miguel Arcanjo Frazão, 90 anos. Conversa realizada em 03 de outubro de 2017, na sala de sua residência.

<sup>70</sup> Colaboradora Maria Correa Costa Frazão, 87 anos. Conversa realizada no dia 07 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

naturalmente qualquer vigário ou algum mais animoso, mais zeloso ou mais cúpido saía de tempos em tempos a desobrigar as ovelhas remotas.<sup>71</sup>

Desobriga era então o recurso utilizado pela Igreja para a efetivação do cumprimento de seus preceitos por parte dos fieis, cabendo tão somente a um sacerdote o ato de desobrigar, pois ele era o responsável por administrar os sacramentos, dentre os quais o primeiro era o batismo, pois só após o recebimento desse sacramento é que a pessoa poderia ser chamada de cristão. Nesse sentido, o quadro abaixo - registrando os batizados realizados na capela de Santa Luzia entre os anos de 1924 a 1944, portanto, num espaço temporal de vinte anos - revela claramente as esporádicas vezes que padres apareciam no povoado, acontecendo suas idas preferencialmente nos dias 12 e 13 de dezembro, ou seja, por ocasião da festa. Pontuamos que a quantidade de batizados que eram celebrados nos dias 12 e 13 ocorria por diversos motivos, embora o maior deles fosse o próprio festejo, pois era quando para aquele povoado acorriam romeiros de diversas localidades vizinhas. Lembrando que, por si só, as poucas missas celebradas nas comunidades já representavam um atrativo para esses grandes deslocamentos em massa.

BATIZADOS NA CAPELA DE SANTA LUZIA										
ANO	DIA/MÊS									TOTAL
	26/6	24/7	25/07	26/07	27/07	08/08	09/08	12/12	13/12	
1924								20	28	48
1925									39	39
1935									59	59
1936								41	12	53
1938	15								26	41
1941						08		08	17	33
1942		20						01	18	39
1943			07	02	01			15	29	54
1944						08	12	06	11	37
TOTAL GERAL										400

Tabela 1 <sup>72</sup>

A Igreja recomendava que, logo que fosse possível, os pais providenciassem o batismo de seus filhos, preferencialmente quando ainda fossem criança, numa medida que lhes imunizaria contra os males, inclusive contra o risco de morrerem pagãos. Nesse sentido, tratando do período colonial, destaca Mary del Priore que, em termos das crenças e práticas

<sup>71</sup> ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500 – 1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998, p. 138.

<sup>72</sup> Arquivo da paróquia de Vargem Grande – Ma. Lv. 19A 1922-1926, Lv. 25 1934-1936, Lv. 26 1937-1939, Lv. 27 1941-1942, Lv. 28 1943, Lv. 29 1944-1945.

religiosas, nos ritos de passagem mais importantes eram os que envolviam o nascimento, o casamento e a morte. De acordo com ela, envolvendo as crenças em torno do nascimento, as mulheres grávidas costumavam usar um saquinho pendurado no pescoço com orações ao seu santo de devoção, com a intenção de terem um parto sem complicações. No momento do parto, comadres, “aparadeiras” ou parteiras, que na maior parte eram também benzedoras, auxiliavam e recitavam palavras mágicas. Quando o parto apresentava ser de risco de morte para a mãe e a criança, rogava-se socorro por meio do rosário e ladainhas aos santos, principalmente a Nossa Senhora do Parto. As crianças deveriam ser protegidas contra ação das “bruxas”, vilãs que no imaginário popular eram a causa todos os malefícios, tanto assim que, em tudo, as mães identificava o enfeitiçamento de seus filhos e quando havia dúvida, existiam maneiras de identificar o mal que lhes acometia, como era o caso do quebranto.<sup>73</sup> Enfim, por causa do altíssimo índice de mortalidade infantil, a Igreja recomendava o batismo das crianças o mais cedo possível, mas contraditoriamente não oferecia condições para que isso acontecesse como muito bem o mostra a realidade retratada no quadro acima, mesmo já se tratando do século XX.

Em termos do desenrolar do festejo, no dia 04 de dezembro acontecia o levantamento do mastro, como vimos no capítulo anterior. Nos dias atuais a festa não possui mais o levantamento do mastro, ocorrendo apenas a derrubada do mastro levantado em louvor de santo Antônio, ritual que dá por encerrado o festejo do santo casamenteiro e marca o fechamento do primeiro dia da festa de Santa Luzia. No que diz respeito à novena, segue até o dia 13, quando a virgem e mártir é contemplada pelos fieis e se encerra o ciclo festivo. Esse dia despertava nos devotos todo seu empenho com uma preparação, a fim de apresentarem bem vestidos e cuidados nesse dia, numa atitude que lhes granjeava distinção social. “Dario Lisboa dizia assim, “Sabina eu vou na Vargem, comprar um corte pra fazer um terno, pra mim levar pra missa”<sup>74</sup>.

A colaboradora Tereza dos Santos, que morava nos Primeiros Campos - comunidade pertencente a Vargem Grande, que com a emancipação do povoado Santa Luzia do Daréu passou a fazer parte de Presidente Vargas - e em 1988 veio morar na sede municipal, relata como, no tempo em que morava no dito povoado, seus moradores faziam para participar da festa, reconstituindo em linhas retas a sua própria experiência.

---

<sup>73</sup> PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 275 – 330.

<sup>74</sup> Colaboradora Tereza Gomes Marinho dos Santos, 82 anos. Conversa realizada em 05 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

Nego caía no coco pra trazer aquela pechinchinha de dinheiro, na hora de trazer comer tinha vez que eu fazia meu frito e trazia, mas tinha vez que não, nós levava a pechinchinha pra nós comprar lá. Nesse tempo 1 kg de coco era barato, mas também dava muita coisa, nós quebrava 4, 5, 6, 10 kg de coco, vendia, pegava aquele trocado e vinha, nós vinha que vinha alegre que vinha voado, nós ficava mesmo aí debaixo das mangueiras, bebia a água que nós trazia ou então pedia numa casa, e ia pra capela depois, pagava promessa trazia joia pra botar numa caixinha que tinha.<sup>75</sup>

Para se estimar o que o resultado de todo esse esforço representava, basta lembrar que por volta de 1955 o quilo de coco na balança comercial custava Cr\$ 5.500, o equivalente a R\$ 2,00 na moeda de hoje, de modo que 10 kg de coco corresponderiam a R\$ 20,00. Dessa forma, isso era o que a senhora Tereza dos Santos ganhava por um dia todo de trabalho, com a venda das amêndoas extraídas nesse dia. Como se vê, a palmeira de babaçu representava uma fonte de renda tão importante para esses camponeses que o hino da cidade registrou sua importância, no verso “jaborandi e os babaçuais - riquezas dominantes dos nossos ancestrais”.<sup>76</sup>

O povoado Primeiros Campos fica a aproximadamente 8 km da zona urbana, assim, considerando as péssimas condições das veredas na década de 1950 e que esse percurso era feito a pé, os romeiros precisavam sair de casa, no máximo, às 5:00 horas da manhã para poderem assistir à missa das 09:00. Nessa época não existia romaria no dia 04, ao contrário dos dias atuais, quando, como vimos no capítulo anterior, se tinha da santa a Vila Isabel, deslocamento esse de devotos que, por si só, já configurava uma romaria.

O dia 13 prosseguia com batizados, casamentos e leilão, encerrando ao final do dia com a procissão pelas poucas ruas existentes na época. A capela ficava arrodada de botequins de cachaça e barracas de comida; os bailes e vesperais aconteciam ao som de orquestra de sopro. O colaborador Sebastião Frazão morou até os 20 anos de idade na comunidade Sororoca, que integrava o território de Vargem Grande hoje integra o município de Presidente Vargas, portanto a aproximadamente 5 km de distância da cidade. Quando criança vinha trabalhar na barraca do seu pai, sobre o que diz o seguinte: “a gente vinha, Tunico sempre tinha um negócio de umas vendas no festejo, aí ele vinha, botava uma venda, tipo um restaurante, botava lá. Eu vinha como criança carregar água, ele vendia bem era galinha”<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> Colaboradora Tereza Gomes Marinho dos Santos, 82 anos. Conversa realizada em 05 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>76</sup> GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **Hino do município de Presidente Vargas**. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Hino\\_do\\_município\\_de\\_Presidente\\_Vargas](https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_município_de_Presidente_Vargas). Acesso em: 05/02/2017.

<sup>77</sup> Colaborador Sebastião de Sousa Frazão, 74 anos. Conversa realizada no dia 09 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

A colaboradora Maria Frazão morava em Santa Isabel, interior de Itapecuru-Mirim, costumava sair de casa na manhã do dia 11 e só retornava na manhã do dia 14; durante esses dias ficava hospedada na casa da sua tia. De acordo com ela, no dia 12 “tinha um vesperalzinho, nós brincava, brincava, brincava, acabava, saía, ia embora pra casa da minha tia, banhava e ia pra reza”<sup>78</sup>. Devemos observar que na mentalidade da devota Maria Frazão, assim como no imaginário da maior parte dos romeiros, não existiam dois mundos diferentes e isolados, a festa não se caracterizava por uma dimensão sagrado e outra profana, mas por uma combinação entre eles, a qual balizava os seus dias e poderia talvez se dar devido a presença rarefeita de representantes da Igreja, considerando que a eles cabia a afirmação do sagrado sobre o mundo profano. Afinal, “à medida que a presença eclesiástica se tornava mais rala, a festa enquanto conjunto de expressões – rezas, procissões, cânticos e danças – consolidou-se, em especial porque conduzida por uma mentalidade popular que não via, nessas ocasiões e nem mesmo no dia-a-dia, a cisão entre o sagrado e o profano”<sup>79</sup>.

Como vem sendo dito, estamos falando de uma comunidade rural pertencente ao vasto território de Vargem Grande, em metade do século XX, cujos habitantes em sua grande maioria moravam em habitações feitas de barro, com paredes de taipa ou adobe, com coberta de palha extraída da palmeira de babaçu e garantiam seu sustento com a pequena lavoura, enfim com o trabalho de roça. Em outros termos, enquadravam-se no cenário analisado por Maria Wissenbach ao falar sobre o pós-escravidão, quando, de acordo com ela, o meio rural desenvolvia “uma vida religiosa e uma cultura popular cadenciada por ritos do catolicismo rústico, por festas e comemorações dos santos de sua devoção, por uma forte tradição oral expressa nas modas de viola, nos sambas e batuques rurais, nos cateretês, cururus, cocos etc.”<sup>80</sup>.

Em vista dessas considerações catolicismo, o rústico seria a forma tradicional de o mundo rural viver a sua religiosidade, a qual não só se estrutura em torno da festa do santo padroeiro da comunidade, como desenvolve a partir da prática festiva uma proximidade e intensa intimidade com o santo, pois esse não está em outro plano, mas, muito pelo contrário, vive entre as pessoas como se fosse membro de sua família. As inúmeras imagens e quadros de santo dentro do ambiente familiar sinalizam a presença do sagrado no espaço privado do lar, o que fazia com que o cristão amanhecesse e adormecesse a circunscrição de objetos

<sup>78</sup> Colaboradora Maria Correa Costa Frazão, 87 anos. Conversa realizada no dia 07 de outubro de 2017, na varanda de sua residência.

<sup>79</sup> WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 83.

<sup>80</sup> Ibid., p. 62.

religiosos dentro do próprio quarto, a exemplo do terço e uma concha de água benta na cabeceira da cama, esperando-se com isso garantir a proteção divina.

A esse respeito, lembrando os ensinamentos de sua avó, diz a colaboradora Adélia da Silva: “desde criança minha vó ensinava sempre a gente; quando chegar na igreja tem que se benzer, tomar bênção pra santa, eu beijava os pés da santa. Quando eu chegava me ajoelhava, pedia saúde, pedia pra ela me dar juízo”<sup>81</sup>. Práticas, por sua, que se eram reproduzidas sem qualquer orientação eclesiástica, uma vez que a carência de padres, a qual foi agravada com a separação entre Estado e Igreja, após a proclamação da República Federativa do Brasil em 1889. No caso do povoado Santa Luzia do Daréu, os padres que celebravam missa e eram responsáveis pela celebração dos sacramentos residiam na paróquia de São Sebastião da Vargem Grande, arquidiocese de São Luís.

Marcadas pela relativa ausência dos homens da Igreja, desde a época colonial e ao longo do Império, as liturgias do catolicismo se dissolveram aí em práticas leigas singulares e relativamente auto-suficientes: as rezas, as novenas, as promessas, as procissões, as cruzeiras na beira das estradas, os altares domésticos, as capelas perfaziam dimensões por meio das quais se expressava uma religiosidade intensa, em termos não só de profundidade de crença, mas de significado na estruturação social dos grupos do interior.<sup>82</sup>

Nesse sentido, ao escrever sobre as vivências religiosas na colônia, observa Luiz Mott a existência de duas esferas, uma privada e outra pública; no segmento privado, o fiel católico deve viver a sua intimidade com Deus em uma comunicação direta e individual, em contrapartida na prática pública a relação tem que ser coletiva, comunitária, participando das cerimônias e sacramentos.<sup>83</sup> A Igreja, com seus ensinamentos, pretendia regular esses dois mecanismos, porém não conseguiu êxito, notadamente devido a sua ausência e incapacidade de doutrinar toda a colônia, o que levou ao desenvolvimento de uma religiosidade popular, com sua própria identidade, nos lugares fora de seu alcance e igualmente motivada pela resistência de outras crenças a suas pretendidas imposições.

As festas religiosas realizadas nos moldes do catolicismo popular constituíam seguramente o mais importante espaço de sociabilidade do mundo rural, atraindo não só os homens e mulheres do lugar como também das comunidades circunvizinhas, dentre outros motivos porque geralmente ocorriam no período após a colheita, quando o homem do campo

<sup>81</sup> Colaboradora Adélia Frazão da Silva, 73 anos. Conversa realizada no dia 05 de outubro de 2017, na sala de sua residência.

<sup>82</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 78.

<sup>83</sup> MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 155 – 220.

se encontra num período de vacância, respeitando o ciclo agrícola. Por outro lado, essas festas demarcavam uma temporalidade específica na vida coletiva, ocasionando o surgimento de costumes, lembrando que, para Thompson, “longe de exibir a permanência sugerida pela palavra “tradição”, o costume era um campo para a mudança e a disputa”<sup>84</sup>. O encontro promovido em um tempo festivo fortalecia os vínculos familiares e propiciava a formação de novos, momento de rompimento das barreiras da distância, sendo oportuno para o divertimento.

#### **4.1. A chegada da congregação das Irmãs da Divina Providência.**

A diocese de São Luís do Maranhão foi criada pela bula “Super Universas Orbis Ecclesias”, em 30 de agosto de 1677, a qual foi elevada a arquidiocese em 02 de dezembro de 1921, por meio de um decreto consistorial do papa Bento XV, por fim foi erigida em sede metropolitana da província eclesiástica do Maranhão pela bula “Rationi Congruit” do papa Pio XI, de 10 de fevereiro do ano seguinte. Até 1977, a arquidiocese de São Luís correspondia a vinte e seis municípios, contando com trinta paróquias, dez na sede do bispado e as demais no interior do estado, como era o caso Presidente Vargas e Nina Rodrigues, que pertenciam à paróquia de São Sebastião, com sede em Vargem Grande. Nesse mesmo ano, no tricentenário da fundação da diocese de São Luís, foi criada a diocese de Coroatá. Segundo Mário Meireles, até então eram “quatro as Dioceses sufragâneas da Sede Metropolitana de São Luís, todas elas estabelecidas dentro dos limites do estado do Maranhão – Caxias, Viana, Bacabal e Brejo. E em véspera de cinco, porque em curso o processo da criação do Bispado de Coroatá”<sup>85</sup>.

A nova diocese, desmembrada da arquidiocese de São Luís, passou a responder pela paróquia de Vargem Grande. Possuía, pois, a missão de ampliar as ações da Igreja local, sendo mais presente e atuante. Em vista desse objetivo, o bispo diocesano, Dom Reinaldo Pünder, procurou corresponder às expectativas e compromisso, para o que, em 1983, solicitou a instalação de uma comunidade de irmãs na região, pedido esse que foi direcionado à congregação das Irmãs da Divina Providência, com sede provincial na cidade de Porto Alegre – RS.

---

<sup>84</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16.

<sup>85</sup> MEIRELES, Mário M. **História da arquidiocese de São Luís do Maranhão**. São Luís: Universidade do Maranhão/SIOGE, 1977, p. 373.

Esta solicitação visava atender as necessidades de um dos quatro campos missionários prioritários, a saber: o município de Nina Rodrigues, da paróquia de Vargem Grande, o povoado Peritoró, o povoado Pau de Estopa, e a Vila Nassau, as três últimas localidades pertencentes à Coroatá. No entanto, como seu pedido não foi atendido, o bispo continuou insistindo, de modo que em 1987 escreveu o seguinte: “torno a escrever à senhora, como já o fiz no ano de 1983, pois os pobres têm que fazer assim – bater às portas, também mais uma vez... Naquela época, infelizmente, nem a sua, nem a Província de Curitiba da sua família religiosa puderam nos ajudar. Será que agora a situação melhorou?”<sup>86</sup>.

Dessa vez a resposta foi positiva, depois da visita da superiora provincial Irmã Elise Sehnem à diocese, a qual, constatou a realidade do povo, retrado em suas palavras “qual ovelha sem pastor, clama por nossa presença”<sup>87</sup>. Por sua vez, o bispo Dom Reinaldo também pontuou esse clamor, reconhecendo que o fazia “embora também outros lugares precisem urgentemente de novos (as) operários (as) na messe do Senhor, aceitamos gratos a ajuda em Presidente Vargas, lugar já visitado pela senhora cujo povo, mais do que os outros, se esforçou para obter as “suas” irmãs”<sup>88</sup>. As irmãs Maria de Lourdes Kaufman, Maria Selécia Reichert e Maria Nádia Perim foram as primeiras que chegaram à área de sua nova missão, o que se deu em abril de 1988, quando foram recepcionadas pela comunidade de Santa Luzia, que teve sua reivindicação aceita.

Para tanto, em 1985, a comunidade de Santa Luzia enviou para o bispo diocesano um abaixo assinado, solicitando a criação de uma paróquia, a fim de poder contar com a presença de um padre residente na cidade. No ano seguinte, em face do não atendimento de seu pleito, em um tom apreensivo, torna a fazer outro abaixo assinado, pedindo urgentemente o envio de um padre residente. A principal reclamação era a pouca assistência que o padre responsável pela paróquia á qual pertencia celebrava apenas duas vezes por mês na comunidade, problema esse devido a paróquia de São Sebastião, com sede ficava na cidade de Vargem Grande, abranger três municípios, Vargem Grande, Nina Rodrigues e Presidente Vargas. Na impossibilidade de se conseguir um padre para residir nesta última, que pelo menos se conseguisse uma comunidade religiosa de irmãs, caso contrário a comunidade de Santa Luzia fracassaria, pois estava sendo invadida pelos evangélicos, para o que recebia apoio da própria prefeitura, que ajudava em suas construções, além de permitir que se

---

<sup>86</sup> Ofício enviado em 08 de julho de 1987, pelo bispo Dom Reinaldo a superiora provincial das Irmãs da Divina Providência. Fonte: Arquivo da diocese de Coroatá, na pasta Irmãs da Divina Providência.

<sup>87</sup> Ofício enviado em 24 de dezembro de 1987, pela superiora provincial Ir. Elise Sehnem ao bispo Dom Reinaldo. Fonte: Arquivo da diocese de Coroatá, na pasta Irmãs da Divina Providência.

<sup>88</sup> Ofício enviado em 02 de janeiro de 1988, pelo bispo Dom Reinaldo a superiora provincial das Irmãs da Divina Providência. Fonte: Arquivo da diocese de Coroatá, na pasta Irmãs da Divina Providência.

servissem da aparelhagem de som do município, atrapalhando os cultos católicos, segundo o abaixo assinado. Cenário que denota uma forte tensão entre cristãos de diferentes Igrejas e católicos

A preocupação com o fracasso da comunidade de Santa Luzia fez com que o bispo Dom Reinaldo repensasse as prioridades da diocese e enviasse como resposta e presença ativa da Igreja Católica as irmãs da Divina Providência para a cidade de Presidente Vargas. No ano de 1989, entretanto, acontece a elevação da comunidade para o status de paróquia, embora a assistência do padre tenha se mantido problemática, pois o mesmo continuava a residir em Vargem Grande. Somente no início do século XXI a paróquia teria um padre residente, rompendo com a dependência da paróquia de Vargem Grande.

A chegada das Irmãs da Divina Providência, segundo nossa ótica, demarca uma nova temporalidade, encerrando o ciclo de um catolicismo marcadamente popular, que tinha os leigos como eixo central na organização da festa de Santa de Luzia, a qual passava agora para a responsabilidade de uma instituição credenciada pela Igreja. Essa mudança carregava consigo uma herança que possibilitava a continuidade de uma identidade, pensando com Johan Huizinga que, por sua vez, se expressa com palavras de Jacob Burckhardt, ao dizer:

uma religião poderosa permeia todas as coisas da vida e se desbota a cada manifestação do espírito, a cada elemento da cultura. Sem dúvida, com o tempo, essas coisas vão se contrapor à religião, e a sua essência pode ser sufocada pelas ideias e imagens que outrora ela atraía para dentro de seu campo. A “Santificação de tudo o que diz respeito à vida” tem o seu lado desastroso.<sup>89</sup>

A religião/Igreja, que a certa altura de sua história se autoproclamou universal, em nosso caso a cristã-católica, pretendeu envolver a vida cotidiana como um todo, porém a relação harmoniosa que por ventura existiu em seus inícios, acabou com o passar do tempo, quando a religião já não precisava mais do envolvimento com certas manifestações culturais, a fim de conquistar adeptos, e procura agora repreendê-las. Porém, esse processo separação e tentativa de extirpação de práticas consideradas pagã jamais seriam concretizados, pois nunca conseguiria livrar-se de todas as influências recebidas, permanecendo as que estão enraizadas, como elementos indispensáveis. Afinal cultura e religião fazem parte do mesmo lado da moeda nas relações sociais.

Ao longo desse capítulo procuramos mostrar como uma relativa ausência dos “homens” da Igreja no que hoje é o município de Presidente Vargas. Para tanto, mostramos que durante muito tempo a comunidade rural era assistida apenas por desobrigas, que após a emancipação do povoado passou a contar com uma atenção um pouco maior, embora na

---

<sup>89</sup> HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 247.

década de 1980 houvesse apenas duas missas por mês. Realidade que levou os fiéis a rogarem ao bispo por ajuda, em vista do avanço dos protestantes, que ameaçando assim o espaço católico. Assim, para barrar seu aumento no município, primeiramente, os católicos solicitaram a criação de uma paróquia, na expectativa da vinda de um padre, depois do que apresentaram um pedido mais modesto, conformando-se apenas com o envio de uma comunidade de irmãs para o município.

Nesse sentido, a presença das irmãs representou o fim de um ciclo e o início de outro. No que concerne à festa, depois de sua chegada passou a ter missas durante todas as noites da festa, preservando-se, todavia, o costume das manifestações da cultura popular durante o festejo. Assim, por exemplo, apresentação de dança do coco, dança de São Gonçalo e tambor de crioula fizeram parte da programação da festa de 1989, notando-se também um dia dedicado aos lavradores e o dia 12 ser dedicado às comunidades do interior, ratificando, ao nosso entendimento, a importância do meio rural para a festividade desde sua origem.

#### **4.2. Criação da paróquia de Santa Luzia.**

A comunidade de Santa Luzia não mediu esforços para obter a presença definitiva da Igreja oficial no município, tanto assim que em dois anos consecutivos, 1985 e 1986, realizou abaixo assinados, que foram enviados ao bispo diocesano. Em atendimento a seus rogos, dois anos mais tarde chegariam as Irmãs da Divina Providência e logo no ano seguinte, em 13 de dezembro de 1989, foi criada a paróquia de Santa Luzia, desmembrada da paróquia de São Sebastião – Vargem Grande, coincidindo com os limites territoriais de Presidente Vargas. Contudo, a partir desse momento, a autoridade estabelecida pelas irmãs, no decorrer de quase dois anos de convivência, teria que ser dividida ou repassada para o pároco, responsável pela nova paróquia, o que não poderia se dar sem alguma tensão.

Diante disso, queremos pontuar que uma comunidade religiosa e sua capela, que durante muito tempo não haviam contado com a presença de autoridade eclesial, quase que ao mesmo tempo, passaram a contar com duas instituições da Igreja. Tal processo significou mudanças na estrutura administrativa local, o que evidentemente poderia ocasionar atrito entre essas duas frentes de liderança e ser esse agravado com o fato das irmãs residirem na cidade e o padre permanecer morando no município vizinho, como de fato ocorreu, conforme o que está registrado no primeiro Livro de Atas da paróquia, no qual se lê:

começou a discussão sobre a autonomia das irmãs, a irmã Maria falou, não só elas preparam tudo, mas juntamente com a equipe de liturgia, pois o padre deveria (ter) fazer reunião com a equipe, pois ele reclamou que quando chega encontra tudo

pronto [...]. Continuando o padre falou que houvesse mais informações entre padre e irmãs.<sup>90</sup>

Assim, com pouco mais de um ano de existência, a novíssima paróquia de Santa Luzia viveu ares de incertezas, pois segundo o abaixo assinado de 1986 a solução para que a comunidade não fracassasse, seria o envio de um padre ou uma congregação de irmãs. Entretanto, com a vinda de ambos e os constantes embates travados por eles, o que era visto como solução transformou-se em mais um problema, resultando no desânimo de algumas lideranças locais, como era o caso do senhor Jose Francisco, haja vista o que está escrito numa ata o seguinte:

o Sr. Jose Francisco disse certo tempo deu vontade de desistir por causa da divisão de padre e Irmãs, onde um não dava notícias para o outro, José Francisco continuou falando, que o padre estava perto de pedir para o bispo (ir bem) tirar ele. e foi falado se ele fosse embora mal satisfeito não ia ser bom para o povo, assim também foi falado se as irmãs fosse embora mal satisfeita não ia ser bom para o povo, e a irmã Maria disse que se ele fosse embora a culpa ia ficar nas irmãs.<sup>91</sup>

O diagnóstico do Sr. José Francisco deixa claro que independente de quem fosse embora, se partisse mal satisfeito, o povo sofreria as consequências, então o melhor a ser feito naquele momento era acalmar os ânimos. O primeiro pároco, padre Antônio Mamede Fernandes, que fazia parte da comunidade Missionários da Boa Nova, deixou de responder pela paróquia no ano de 1992, embora desconhecemos o motivo de sua saída. O que podemos atestar é que o seu sucessor, padre Francisco Fernando Martins das Eiras, membro da mesma ordem religiosa, permaneceu de 1992 até o ano 2000, quando os Missionários da Boa Nova encerraram suas atividades na diocese. Em síntese, de 1988 a 2000, a igreja de Santa Luzia esteve sob os cuidados de religiosos de fora, posteriormente passando a ser administrada por padres diocesanos.

Essa crise entre os religiosos, aparentemente, não afetou a festa de Santa Luzia, conforme nossa observação da programação festiva de 1991, onde as manifestações populares continuavam com o seu lugar reservado, muito embora não englobasse todas elas. Lembrando que na compreensão Peter Burke, “quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das ‘classes subalternas’, como chamou-as Gramsci”<sup>92</sup> e que para a nossa própria compreensão, podemos dizer que esses pequenos lavradores constituíam e continuam constituindo uma “classe

<sup>90</sup> Ata nº 5, aos 20 de janeiro de 1991. Livro de Ata da Paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – MA. 1990 – 2000, p. 3. Fonte: Arquivo da Paróquia de Presidente Vargas.

<sup>91</sup> Ata nº 5, aos 20 de janeiro de 1991. Livro de Ata da Paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – MA. 1990 – 2000, p. 3. Fonte: Arquivo da Paróquia de Presidente Vargas.

<sup>92</sup> BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11.

subalterna” e possuidora de uma infinidade de tradições culturais que não fazem da cultura oficial.

Essa cultura não oficial, todavia, estava presente na programação da noite de 04 de dezembro de 1991, a qual foi dedicada aos lavradores, que ficaram responsáveis pela promoção do leilão e pela apresentação do tambor de crioula, como também estava representada na noite do dia 12, dedicada às comunidades do interior, com a previsão de leilão após a missa.

Diante do exposto, percebe-se que todo um processo sincrético se dá ali, observando-se a presença dos segmentos sociais na programação da festa, o que certamente objetivava sua completa incorporação pela Igreja, pois de acordo com Thompson. “por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexadas ao calendário religioso anual, podem ser assim cristianizadas, servindo para reforçar a autoridade da Igreja”.<sup>93</sup>

**Participe do Grande Festejo de**  
**SANTA LUZIA**  
 No Período de 04 a 13 / 12 / 96

**PROGRAMAÇÃO**

**Dia 04/12 - 4ª Feira**  
 RESPONSÁVEIS: Lavradores  
 TEMA: *Barro de sua colônia*  
 PROGRAMAÇÃO: Jantar de Santa Luzia em São João de Santa Luzia Leilão  
 17:30 horas: sessão sagrada de novena e Santa Missa  
 DIA 05/12 - 5ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Pastoral familiar e Pastoral dos idosos  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Tambor de crioula  
 Bateu de um círculo de novo (Coral)  
 18:30 horas: novena e Santa Missa  
 DIA 06/12 - 6ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Pastoral de crianças  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Casas itinerantes  
 18:30 horas: novena e Santa Missa

**RESPONSÁVEIS: Autoridades, Profissionais e funcionários públicos**  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Tarifa de margaria Com: Casapara Sucessora da cidade operadora de auto  
 19:30 horas: novena e missa  
 DIA 08/12 - Domingo  
 RESPONSÁVEIS: Pastoral de juventude  
 TEMA: *Novena do Espírito Santo*  
 PROGRAMAÇÃO: Novena  
 18:00 horas: Batizado  
 19:30 horas: novena e Santa Missa  
 DIA 09/12 - 2ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Crianças  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Prática no solo  
 18:00 horas: Batizado  
 19:30 horas: novena e Santa Missa

**Dia 10/12 - 3ª Feira**  
 RESPONSÁVEIS: Comerciantes, donos de empresas, famílias em TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Jogo Luta Permaldo  
 18:00 horas: Batizado  
 8:00 horas: visita aos doentes  
 19:30 horas: novena e Santa Missa  
 DIA 11/12 - 4ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Pastoral da mulher e Pastoral dos idosos  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Tarifa de margaria  
 8:00 horas: visita aos doentes  
 18:00 horas: Batizado  
 19:30 horas: novena e Santa Missa  
 DIA 12/12 - 5ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Com: do interior  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Tarifa de margaria  
 8:00 horas: visita aos doentes  
 18:00 horas: Batizado  
 19:30 horas: novena e Santa Missa  
 DIA 13/12 - 6ª Feira  
 RESPONSÁVEIS: Funcionários, Romarias e devotos de Santa Luzia  
 TEMA: *Castigo*  
 PROGRAMAÇÃO: Tarifa de margaria  
 8:00 horas: visita aos doentes  
 18:00 horas: Batizado  
 19:30 horas: novena e Santa Missa

**SANTA LUZIA**  
 SANTA LUZIA, ROGAI POR N

**Presidente Vargas - MA**  
 COLABORAÇÃO:  
**POVO MARANHENSE**  
 Org. *HEURLO TRAZÃO*

Programação da festa de Santa Luzia, ano 1996.

Ilustração 12<sup>94</sup>

Tomando com referência essa programação, fica claro seu objetivo de envolver todo o corpo social, na medida em que cada dia do festejo é dedicado a uma parcela da sociedade, do que é exemplo o dia das crianças, das mulheres, dos vereadores, prefeito e

<sup>93</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 51.

<sup>94</sup> Fonte: Arquivo da Diocese de Coroatá, na pasta Irmãs da Divina Providência.

funcionários públicos, dos professores, dos casais, dos jovens, dos comerciantes, e dos idosos. Durante esses dias, sempre após a missa havia apreciação da cultura local no largo da igreja, como em 1996, em cujo festejo se apresentaram as seguintes manifestações: boi “Brilho de Santa Luzia”, tambor de crioula, dança da mangaba, dança da capoeira e dança do coco, que se enquadra perfeitamente do que diz Martha Abreu, segundo que,

muitos estudos fizeram sobressair a festa como um local e momento privilegiados para se pensar o exercício da religiosidade popular, não entendida apenas como resíduos do paganismo, mas em sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos e reformadores católicos ou protestantes, conforme o caso.<sup>95</sup>

No período da festa era comum padres de paróquias vizinhas também virem celebrar missa, como era o caso do padre Chagas, que celebrou no ano de 1990, que não só reclamou de uma televisão instalada na praça, ao lado do templo católico, como também criticou uma boate que ficava próxima, pois segundo ele estariam atrapalhando os trabalhos na igreja. A televisão estava no centro da praça, sob a responsabilidade da prefeitura, o aparelho representava na época uma novidade, além do que e a maior parte da população não possuía recursos financeiros para adquirir essa tecnologia, circunstâncias que levava as pessoas a se aglomerarem frente desse aparelho e veículo de entretenimento.

Podemos pensar que o aparelho ligado na hora da missa representava uma concorrência significativa para a Igreja, o que era agravando ainda mais pela boate, que arrastava uma parcela considerável dos fiéis. Não era, todavia, a primeira vez que a prefeitura cruzava os caminhos da igreja, pois em 1986 os católicos já haviam acusado o prefeito Manoel Mendonça Nicácio de subvencionar os templos protestantes. Dessa vez era o prefeito Sebastião Figueiredo Mendes com sua televisão na praça. Os problemas com as festas profanas prosseguiram até o último dia da novena, pois em Ata paroquial: “continuando no mesmo assunto da festa, o som do clube não teve pausa quando passou a procissão, as pedras também trouxeram atrapalho, Hilton sugeriu que poderia se fazer um requerimento para retirar a mesma”.<sup>96</sup>

Embora o universo profano das festas dançantes seja reprovado pelos dogmas da Igreja, para a qual, segundo Peter Burke “a segunda grande objeção à cultura popular tradicional era moral. As festas eram denunciadas como ocasiões de pecado, mais particularmente de embriaguez, glotoneria e luxúria, estimulando a submissão ao mundo, à

<sup>95</sup> ABREU, Martha Campos. **“O Império do Divino”**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Campinas, SP, 1996, p.13.

<sup>96</sup> Ata nº 4, aos 16 de dezembro de 1990. Livro de Ata da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – MA. 1990 – 2000, p. 2. Fonte: Arquivo da paróquia de Presidente Vargas.

carne e ao Demônio especialmente à carne”<sup>97</sup>, essas festas deveriam reverenciar o sagrado, respeitando sua passagem com uma pausa no som, até que o cortejo da santa passasse. Em outras palavras, condenavam-se as práticas que aconteciam naquele ambiente, mas ao mesmo tempo espera-se o respeito a sua divindade.

Por fim temos um quarto ponto a ser discutido no âmbito do Conselho Paroquial, que diz respeito ao não pagamento pelos camelôs da taxa estabelecida para a ocupação do espaço nos arredores da igreja, numa justificativa para eles absolutamente óbvia para isso, pois o terreno onde instalavam suas barracas pertencia à prefeitura, e não à Igreja. Motivo que levou o pároco a consultar um advogado sobre a legalidade dessa alegação. Porém, uma breve consulta a Lei Orgânica Municipal, aprovada em 31 de março de 1990, comprovaria a ilegalidade da cobrança, uma vez que de acordo com o determinado pela dita Lei, cabia ao município “prover os serviços de mercados, feiras e matadouros”<sup>98</sup>.

Estamos falando de um tempo quando as feiras não aconteciam com frequência, por isso mesmo, para o olhar dos representantes da Igreja, a cobrança dessa taxa representava um direito seu, ainda que não houvesse fundamentação legal, pois aquela feira estaria se beneficiando pela movimentação ocasionada pela festa de Santa Luzia. Como a motivação econômica é uma das características que das feiras, a Igreja estava requerendo uma fatia deste “bolo”, por ser ela a organizadora da festa que promovia os ganhos dos feirantes. Em termos mais amplos, em essência, tinha-se ali como que a reprodução de uma realidade estudada por Peter Burke, tratando de espaço e tempo muito diferentes daquele, pois segundo ele,

a importância econômica das feiras na Europa pré-industrial é sabida: eram centros de compra itinerantes, o complemento do mascate, mas em escala gigantesca. Numa determinada região, a feira era programada de modo a coincidir com uma grande festa: a festa de Ascensão, em Veneza (com uma feira de quinze dias), a festa de santo Antônio, em Pádua (outra feira de quinze dias), e assim por diante. Nas feiras, os camponeses teriam a oportunidade de comprar livretos ou figuras de cerâmica que, de outra forma, talvez nunca chegassem a ver<sup>99</sup>.

Em decorrência da escolha de um povoado para o início da festa, o espaço econômico foi ampliado, pois os camelôs passaram a montar suas barracas também na localidade escolhida. A definição do local aconteceu em 1997 por meio de votação na igreja matriz, isso porque conforme registrado em Ata, “o resultado da eleição p/ a escolha do local

<sup>97</sup> BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 286.

<sup>98</sup> Lei Orgânica Municipal. Presidente Vargas, MA, 1990, p. 07.

<sup>99</sup> BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 157.

do início do festejo foi o seguinte: Boa Hora 96; Ferrugem 143 e Sororoca 113”<sup>100</sup>, vencendo, portanto, o povoado Ferrugem (Vila Izabel) a disputa, de modo que nesse mesmo também aconteceu a primeira romaria. Outro acontecimento marcou o ano de 1997, a saber, o início da construção da nova igreja matriz, razão porque, devido a obra, foi preciso improvisar uma latada, com as bases de pau e coberta de palha, para a realização do novenário.

O novo templo foi construído no mesmo lugar do antigo, mas tendo 14 metros de largura e 30 de comprimento, o que gerando certa euforia, pois além, disso, a torre na lateral seria a primeira edificação dessa natureza a ser construído na cidade. Os recursos financeiros utilizados na construção foram vários, dentre eles a ajuda enviada de Portugal, conseguida pelo pároco, membro da ordem religiosa Missionários da Boa Nova, como também da Holanda, através das Irmãs da Divina Providência, e principalmente da Alemanha, com os esforços do bispo alemão Dom Reinaldo Pünder, contando ainda com a participação do povo que ajudava na medida de suas condições.

DESPESAS COM A CONSTRUÇÃO DA IGREJA: DE 01/09/1997 ATÉ 07/03/1998	
Mão de obra	R\$ 27.696,79
Material	R\$ 74.036,80
Total	R\$ 101.733,59
PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE	
Mão de obra	R\$ 294,00 – 1.06%
Material	R\$ 192,00 – 0,26%
Total	R\$ 486,00 – 1.32%
Valor da obra pronta	R\$ 220.000,00

Tabela 2 <sup>101</sup>

As solicitações de ajuda para a construção da nova igreja matriz iniciaram em 1994, cujos solicitantes, o padre Francisco Fernando e o bispo Dom Reinaldo Pünder. Em 1996 tiveram seu pedido negado pela Adveniat (Solidariedade de católicos alemães com a Igreja na América Latina), que apresentou como argumento para a rejeição do pedido de ajuda o enquadramento da obra entre os projetos menos urgentes, além disso esta foi considerada cara demais e a contrapartida da paróquia muito pequena. Em um tom de apelo, o bispo de uma forma contundente respondeu:

parece que agora aconteceu pela primeira vez que uma paróquia desta nova Diocese (que ainda está com o seu primeiro Bispo) recebeu uma resposta negativa. Não quero insistir, muito menos ser ingrato [...] A resposta de Adveniat fez o padre por si

<sup>100</sup> Ata nº 10, aos 21 de setembro de 1997. Livro de Ata da Paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – MA. 1990 – 2000, p. 9. Fonte: Arquivo da Paróquia de Presidente Vargas.

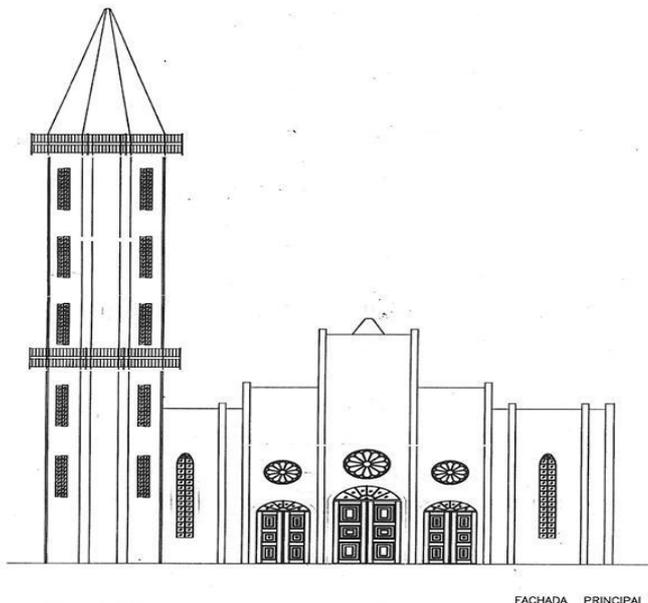
<sup>101</sup> Assembleia Geral das Pastorais, aos 07 de março de 1998. Livro de Ata da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas – MA. 1990 – 2000, p. 17. Fonte: Arquivo da paróquia de Presidente Vargas.

já um pouco tímido, como que desmoronar. Do outro lado, a capelinha nem nos domingos normais e, às vezes, nem nos dias da semana cabe mais os que querem participar da celebração.<sup>102</sup>

Em relação à contribuição própria ser muito baixa, o bispo enfatizou que na psicologia popular a lógica era começar, depois do que o povo começaria a contribuir, embora ele tivesse conhecimento da pobreza na cidade e por tabela do estado. Realidade que foi utilizada a seu favor, projetando na Adveniat um sinal de esperança. O bispo sinalizou a possibilidade de outros doadores, frisando que “inclusive, já fruto da Evangelização e formação cristã local, ganhar as eleições para Prefeito um homem simplicíssimo, mas bom, ligado com a Igreja, de forma que até o Município é capaz de ajudar”<sup>103</sup>.

Planta da fachada principal da nova igreja de Santa Luzia.

Ilustração 13 <sup>104</sup>



Diante disso, parecia que, agora, Igreja e prefeitura seriam parceiros, caso essa colaboração fosse de interesse público, apesar da Lei Orgânica, em seu artigo 6º, determinar: “É vedado ao Município; I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da Lei, a colaboração de interesse público”.<sup>105</sup>

De todo modo, depois de analisar os argumentos do bispo e fazer uma revisão do projeto, a Adveniat voltou atrás, liberando parte da verba necessária para a construção da igreja, cerca de 50.000 marcos - moeda alemã substituída pelo euro em 1999 -, montante

<sup>102</sup> Ofício enviado em 10 de outubro de 1996, pelo bispo Dom Reinaldo a Adveniat. Fonte: Arquivo da diocese de Coroa, na pasta Paróquia de Presidente Vargas.

<sup>103</sup> Ofício enviado em 10 de outubro de 1996, pelo bispo Dom Reinaldo a Adveniat. Fonte: Arquivo da diocese de Coroa, na pasta Paróquia de Presidente Vargas.

<sup>104</sup> Fonte: Arquivo da Diocese de Coroa, na pasta Paróquia de Presidente Vargas.

<sup>105</sup> Lei Orgânica Municipal. Presidente Vargas, MA, 1990, p. 03.

que equivalia R\$ 100.000, quase 50% do custo total da obra, e com o qual foi possível dar seu início, dependendo sua conclusão da mesma das demais doações.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Chegamos ao término de nosso estudo, no entanto, não significa dizer o esgotamento desse tema, pois várias lacunas precisam ser ainda preenchidas, de forma que serão abordadas em trabalhos futuros, para este cabe registrar os nossos apontamentos finais. Contudo, vale ressaltar que uma pesquisa monográfica está pautada na articulação de métodos, fontes, teoria, e escrita, acreditamos ter seguido esse princípio, mas decidimos optar como abordagem, de modo que não prejudicasse o desenvolvimento do estudo, uma metodologia não habitual nos trabalhos de História.

Porém, não embarcamos nessa perspectiva de forma solitária, fizemos uso da prerrogativa de Marc Bloch, quando diz que a incompreensão do passado, é devido ao desconhecimento do presente. Entretanto, já em vias de encerrar esse texto, resolvemos inverter a metodologia de presente-passado, uma vez que já dispomos de um entendimento do presente, possibilitando reflexões a partir do passado.

Dessa forma, pontuamos a existência de uma simbiose, entre a devoção a Santa Luzia com a narrativa da formação de Presidente Vargas, a qual esperamos ter ficado evidente, haja vista que a povoação teve origem em uma antiga sesmaria, batizada com invocação a Santa Luzia, embora, o nome do lugar que inicialmente era Santa Luzia tenha passado por transformações, em conformidade com a ação dos sujeitos/pessoas de cada época.

Notadamente, as vivências sociais do homem/mulher rural era definitivamente marcada pelas festas religiosas, logo, em uma possível ausência de uma festa representativa, o senhor Catarino iniciou a festa de Santa Cruz, passando a circunscrever aquele espaço, onde tendo conseguido propagar seu festejo aos moldes do catolicismo popular, atraiu o interesse do coronel Pedro Daréu, a prerrogativa de coronel era devido sua influência na localidade, este não poderia ficar a margem dessa festa, pois seu pertencimento a ela reforçaria ainda mais sua posição de chefe local. De certo, sobre a organização de Pedro Daréu, a festa passa por uma transformação radical, não se celebraria mais a festividade de Santa Cruz, e sim a de Santa Luzia, o que permanece até os dias atuais, em uma clara homenagem a santa que dava nome ao lugar.

Sendo que desde a provável, primeira edição da festa de Santa Luzia, já se passaram 122 anos, numa confirmação da perpetuação dessa tradição, não que seja para todo

o sempre, mas que vem mantendo certa continuidade. Durante essa duração de 122 anos, observamos que houve uma transformação significativa no contexto da organização do evento religioso, pois o que outrora estava sobre os cuidados de populares, o equivalente a leigos, passou para instituições credenciadas pela Igreja Católica, uma vez que a própria comunidade de Santa Luzia havia pedido o envio destes, no intuito de obter a solução de seus problemas que seria em decorrência do avanço de Igrejas protestantes.

Em relação a festa propriamente dita, constatamos que na década de 1950 a festa de Santa Luzia já atraía milhares de pessoas, assim como possuía a venda de comidas e bebidas no entorno da capela, para atender as necessidades dos romeiros, e que a forte presença rural, fez com que nas programações da década de 1990 consta-se o dia do lavrador, e o dia de todas as comunidades rurais do município, posteriormente o dia do lavrador foi transformado em uma romaria, com destino a comunidade Vila Isabel.

Portanto, devemos pontuar que a festa continua a manter-se com traços genuinamente rurais, tendo em vista, que a participação dos mesmos é fundamental para a continuidade dessa tradição, assim como a permanência da feira e a realização do leilão de Santa Luzia. Por fim, o que consideramos relevante no tempo presente da festa de Santa Luzia, possui evidentemente sua reminiscência no passado, o que de todo modo justifica a identidade cultural e religiosa dos munícipes, principalmente das comunidades rurais, que se referem à cidade como sendo ainda a velha Santa Luzia.

## **FONTES**

### **DOCUMENTOS**

Abaixo assinados da comunidade de Santa Luzia ao bispo Dom Reinaldo Pünder. Arquivo da diocese de Nossa Senhora da Piedade, Coroatá.

Correspondências entre o bispo Dom Reinaldo Pünder e outras autoridades religiosas (1983 – 2000). Arquivo da diocese de Nossa Senhora da Piedade, Coroatá.

Demonstrativo financeiro do festejo de Santa Luzia (2015 – 2016). Arquivo da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas.

Freguesias (1805 – 1897). Arquivo público do Maranhão, São Luís.

Livro de Ata (1990 – 2000). Arquivo da paróquia de Santa Luzia, Presidente Vargas.

Livros de batismo (1922 – 1950). Arquivo da paróquia de São Sebastião, Vargem Grande.

Paróquias (1795 – 1910). Arquivo público do Maranhão.

## ENTREVISTAS

ALMEIDA, Cristiane Santos. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 15 de dezembro de 2016.

FRAZÃO, João Paulo. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 08 de outubro de 2017.

FRAZÃO, Maria Correa Costa. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 07 de outubro de 2017.

FRAZÃO, Miguel Arcanjo. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 03 de outubro de 2017.

FRAZÃO, Sebastião de Sousa. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 09 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Maria do Amparo Sousa. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 26 de dezembro de 2016.

SANTOS, Tereza Gomes Marinho dos. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 05 de outubro de 2017.

SILVA, Adélia Frazão da. Entrevista concedida a Ricardo Aguiar Rodrigues. Presidente Vargas, 05 de outubro de 2017.

## AUDIOVISUAL

Reportagens TV Mucambo:

**Dia das comunidades no festejo de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lQhYOzXintM>.

**Especial TV Mucambo: festejo de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qxfpIfBvX3g>.

**Aumento nas vendas**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XdhpBEtf2YE>.

**Retorno de Santa. Luzia do Povoado vila Isabel**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CCSgZZ-Gvag>.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500 – 1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Estudo publicado no “Jornal do Commercio”, 1899. Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/capistrano\\_de\\_abreu\[1\].pdf](http://www.cdpb.org.br/capistrano_de_abreu[1].pdf). Acesso em: 20/01/2018.

ABREU, Martha Campos. **“O Império do Divino”**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Campinas, SP, 1996.

ALVES, J. **Santa Luzia**: novena e biografia. São Paulo: Paulinas, 2011.

Ata de instalação do município de Presidente Vargas – MA. Disponível em: [http://pt.wikisource.org/wiki/Ata\\_de\\_Instalação\\_do\\_Município\\_de\\_Presidente\\_Vargas](http://pt.wikisource.org/wiki/Ata_de_Instalação_do_Município_de_Presidente_Vargas). Acesso realizado em: 15/06/2015.

BARROS, José D’ Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAXANDALL, Michel. **O Olhar Renascente**. Pintura e experiência Social na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BEZERRA, José Amadeu Pereira. **Criação e formação política do município de Presidente Vargas Maranhão**. Presidente Vargas, MA, 2014.

Bíblia sagrada. São Paulo: Paulus, 1990.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500 – 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado**: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Constantino e as transformações do Império Romano no século IV. In: Revista de história da arte e arqueologia, jan – jun de 2009. Disponível em: [www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf](http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2011%20-%20artigo%202.pdf). Acesso em: 23 de janeiro de 2018.

Censo demográfico do IBGE, 2010. Acesso em: 05/02/2017. Disponível em: [cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210930](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210930).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

Cidades – IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10/01/2018.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, vol. XV, 1959.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. Festas e religiosidade popular no tambor de mina do Maranhão. In: **Ciências Humanas em Revista**. São Luís: Unicor, 2003.

GRAVIERS, B. des, JACOMET, T. **Os santos e seus símbolos**. Ediciones Folio, 2008.

GONÇALVES Júnior, Horácio Manoel. **História e vida de Presidente Vargas**. Presidente Vargas, MA, 1981.

\_\_\_\_\_. **Hino do município de Presidente Vargas**. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Hino\\_do\\_município\\_de\\_Presidente\\_Vargas](https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_município_de_Presidente_Vargas). Acesso em: 05/02/2017.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas: das origens a Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Lei de criação do município de Presidente Vargas - MA. Acesso realizado em: 11/06/2015. Disponível em: <http://presidentevargas.ma.gov.br/cms/print.php?cat=paginas&id=136>.

Lei orgânica municipal. Presidente Vargas, MA, 1990.

LISBOA, João Francisco. **A festa de Nossa Senhora dos Remédios**. São Luís: Legenda, 1992.

MARQUES, Cezar Augusto. **Diccionariohistorico-geographico da provincia do Maranhão**. Maranhão: Typ. do Frias, 1870.

MEGALE. Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIRELES, Mário M. **História da arquidiocese de São Luís do Maranhão**. São Luís: Universidade do Maranhão/SIOGE, 1977.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 63 – 171.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 155 – 220.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 275 – 330.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WIJTEN, Hilário. **Meu livro de liturgia**. Petrópolis, RJ: Vozes Limitada, 1955.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 49 – 130.

**ANEXOS**

**CONJUNTO DE REPORTAGENS SOBRE A FESTA DE SANTA LUZIA, EM  
PRESIDENTE VARGAS, VEICULADAS PELA TV MUCAMBO, ENTRE OS ANOS  
DE 2011 – 2017.**

**Expectativa do comércio para o festejo**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QXnuLsnYg4>.

**Abertura do festejo de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4EaVja\\_jhOg](https://www.youtube.com/watch?v=4EaVja_jhOg).

**Apresentações no festejo de Santa. Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FEExQwTgbk7I>.

**Feirantes esperam vendas melhores este ano**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8aFu7WxjvYo>.

**Missa de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qYOS8kYOEEA>.

**Dia das comunidades no festejo de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lQhYOzXintM>.

**Especial TV Mucambo: festejo de Santa Luzia**, 2012. Acesso em: 26/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qxfplfBvX3g>.

**Aumento nas vendas**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XdhpBEtf2YE>.

**Abertura do festejo de Santa Luzia**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dwQ8cKMfii0>.

**Retorno de Santa. Luzia do Povoado vila Isabel**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CCSgZZ-Gvag>.

**2ª noite de festejo**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=euv6b\\_TkXg8](https://www.youtube.com/watch?v=euv6b_TkXg8).

**Missas do final de semana**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=no98llYRtrs>.

**6º dia de festejo**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vK1pmqcZBD4>.

**8ª noite do festejo de Santa Luzia**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjYm23SZd98>.

**Encerramento do festejo de Santa Luzia**, 2013. Acesso em: 28/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AQm7MAC8daA>.

**Festejo**, 2014. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aPqs\\_mojZLA](https://www.youtube.com/watch?v=aPqs_mojZLA).

**Saída da romaria de Santa Luzia**, 2014. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UMPckTc4rjk>.

**Concurso da boneca de Santa Luzia**, 2014. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLIOXWUSY4M>.

**Encerramento do festejo de Santa Luzia**, 2014. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bLSkBfdjbo>.

**Limpeza da capela na vila Isabel para o festejo**, 2015. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZ-KK2YOjTw>.

**Abertura do festejo de Santa Luzia**, 2015. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Of3\\_BXGtHVI](https://www.youtube.com/watch?v=Of3_BXGtHVI).

**Encerramento do festejo de Santa Luzia**, 2015. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D13sL2B3nZg>.

**Especial TV Mucambo: festejo de Santa Luzia**, 2016. Acesso em: 29/11/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B-f7fTcW1Mg>.